

esec

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA

Ana Isabel Reis da Silveira

Relatório Final:

Descobrimo e Construindo...

Relatório Final do Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico,
apresentada ao Departamento de Educação da Escola Superior de Educação de
Coimbra, para obtenção do grau de Mestre.

Constituição do júri:

Presidente: Prof.^a Dr.^a Ana Coelho

Arguente: Prof.^a Dr.^a Filomena Teixeira

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Vera do Vale

Data da realização da Prova Pública: 23 de julho de 2014

Classificação: 13 valores

julho, 2014

Agradecimentos

Sinto que cheguei a um fim que afinal é um começo, o começo de uma nova fase da minha vida, que não teria sido possível sem o apoio e o carinho de muitas pessoas. É um começo cheio de gratidão a todos os que de forma direta ou indireta me ajudaram a percorrer um caminho, talvez o mais difícil, mas mais feliz da minha vida.

É difícil descrever o que sinto neste momento, é um misto de sentimentos, mas que as palavras não conseguem explicar.

Em primeiro lugar quero agradecer aqueles que são os mais importantes da minha vida, a minha família, por tudo o que me ensinaram ao longo da minha vida, por tudo o que partilharam comigo e por me terem ensinado a lutar pelos meus objectivos sem nunca desistir e acreditar naquilo que me faz feliz. Espero que esta etapa que termino agora retribua de alguma forma todo o carinho, apoio e dedicação que sempre me deram.

À Renata pela sua amizade, confiança, apoio e por todos os momentos que me dedicou, sendo eles bons ou maus.

Ao Diogo, um agradecimento muito especial por todo o tempo que estive ao meu lado sempre com uma palavra amiga, um carinho, pela força, amizade e confiança que me deu em todos os momentos.

À minha professora cooperante Celeste que sempre se mostrou disponível para ajudar no que fosse necessário e pelo carinho e amizade que transmitiu durante todo o estágio.

Aos meus professores orientadores, Professora Doutora Vera do Vale e Mestre Philippe Loff, pelos ensinamentos, pelas críticas e sugestões e pela disponibilidade que demonstraram ao longo deste trabalho.

Ao Pedro, ao Nuno, ao Bruno e à Joana pelos lindos desenhos que realizaram.

A todas as crianças que fizeram parte dos meus dois estágios pelos momentos de alegria, aprendizagem e partilha que me proporcionaram.

A todas as pessoas que me ajudaram de uma ou outra forma, um profundo agradecimento.

A todos os que fazem e fizeram parte da minha vida, muito obrigada!

Descobrimos e Construindo...

Resumo

O presente relatório foi realizado no âmbito da Unidade Curricular de Prática Educativa integrada no curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Este, reflete o trabalho desenvolvido durante os estágios concretizados, sustentando-se em cinco experiências-chave e uma pequena investigação que formaram momentos de observação e reflexão apoiados numa revisão bibliográfica.

É importante que haja uma reflexão não só durante a prática pedagógica, mas também depois do seu término, e foi com base nessa reflexão feita por mim que construí este relatório onde partilho todo o meu percurso enquanto estagiária.

Este trabalho reveste-se no fundo de uma consolidação de todas as aprendizagens que foram sendo construídas ao longo do meu percurso académico, relatando sobretudo os momentos, aprendizagens e experiências mais significativas, bem como as dificuldades enfrentadas, descrevendo, analisando e refletindo sobre toda a prática pedagógica desenvolvida.

Palavras-chave: Educação Pré-escolar, Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, Experiências-chave, Investigação.

Abstract

This report was conducted under the Integrated Course in Educational Practice MSc course in Preschool Education and Teaching of the 1st cycle of Basic Education. This reflects on the work achieved during the placements, holding on five key experiences and a research that allowed moments of observation and reflection supported by a literature review.

It is important that there is a reflection not only during the practice, but also after its completion, which permitted me to create this entire report where I share my journey as an intern.

This paper work takes up the bottom of a consolidation of all the learnings that have been built throughout my academic career, reporting moments, learnings and significant experiences mainly, as well as the difficulties encountered along that path, describing, analyzing and reflecting on all pedagogical practice developed.

Keywords: Preschool Education, Teaching 1st Cycle of Basic Education, Experiences key, Research.

Índice

INTRODUÇÃO	1
-------------------------	----------

PARTE I - Descobrindo o Mundo da Educação Pré-Escolar...

O papel do/a Educador/a	9
-------------------------------	---

CAPÍTULO I - Descobrindo a instituição...

1.1. Caraterização da instituição	13
1.2. Aborgadem Reggio Emília.....	14
1.3. Recursos humanos.....	15
1.4. Recursos físicos.....	15
1.5. Organização do tempo.....	16
1.6. Organização do espaço.....	16
1.7. Interação com as famílias.....	17
1.8. Projeto educativo da instituição – “Coimbra à vista”	19

CAPÍTULO II - Descobrindo o grupo de crianças...

2.1. Caraterização do grupo	23
2.2. Organização da sala de atividades.....	24
2.3. Rotina diária.....	24

CAPÍTULO III - Ao longo de três meses...

3.1. Desenvolvimento das práticas pedagógicas	29
3.1.1. Projeto “Centro Comercial Peixinhos”.....	30
3.2. Olhando para trás	32

PARTE II - Descobrindo o Mundo do 1.º Ciclo do Ensino Básico...

O papel do/a professor/a.....	39
-------------------------------	----

CAPÍTULO IV - Descobrindo a escola...

4.1. Caraterização da escola	43
------------------------------------	----

4.2. Recursos humanos.....	44
4.3. Recursos físicos.....	44
4.4. Organização do tempo.....	45
4.5. Organização do espaço.....	45
4.6. Interação com as famílias.....	46
4.7. Rotina diária.....	46

CAPÍTULO V - Descobrindo a turma...

5.1. Caracterização da turma.....	49
5.2. Organização da sala de aula.....	51

CAPÍTULO VI - Ao longo de três meses...

6.1. Desenvolvimento das práticas pedagógicas.....	55
6.1.1. “Uma viagem à Polónia”.....	55
6.1.2. “Apareceu uma galinha ruiva”.....	56
6.1.3. O Projeto desenvolvido com a turma.....	58
6.2. Olhando para trás.....	60

PARTE III - Experiências-chave

CAPÍTULO VII - Educação Pré-Escolar

7.1. Multiculturalidade – A diversidade cultural no contexto educativo!.....	67
7.2. Trabalho de projeto.....	70

CAPÍTULO VIII --- 1.º Ciclo do Ensino Básico

8.1. Masturbação infantil... um sinal de alerta?.....	75
8.2. Manter a disciplina na sala de aula... um desafio do professor!.....	78

CAPÍTULO IX - Experiência-chave transversal à Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico

9.1. A relação família-escola: Uma união fundamental!.....	85
--	----

PARTE IV - Vamos investigar...

CAPÍTULO X - Investigação realizada no âmbito da Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico

10.1. Objetivos gerais da investigação	93
10.2. Caracterização da população.....	93
10.3. Metodologia	94
10.4. Procedimentos	95
10.5. Apresentação e análise dos dados	95
10.6. Refletindo... ..	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	104
APÊNDICES.....	104

Abreviaturas

AEC – Atividades de Enriquecimento Curricular

JI – Jardim de Infância

NEE – Necessidades Educativas Especiais

OCEPE – Orientações Curriculares de Educação Pré-Escolar

TIC – Tecnologias da informação e comunicação

Índice de Quadros

Quadro 1	97
Quadro 2	98
Quadro 3	99
Quadro 4	100
Quadro 5	101
Quadro 6	102

INTRODUÇÃO

Os estágios realizados em Educação Pré-escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, bem como todo o meu percurso académico, permitiram-me elaborar este relatório final intitulado “Descobrimo e Construindo”. A escolha deste título deve-se ao facto de toda a minha licenciatura e mestrado terem constituído momentos de descoberta, onde fui descobrimo todo este mundo da educação e por ter vindo a construir toda uma panóplia de aprendizagens que me marcaram e definiram como educadora e professora. Na verdade esta descoberta não terminará agora, mas continuará para o resto da minha vida. Uma descoberta e uma construção que será feita com todas as crianças que entrarão na minha vida.

Todo este trabalho visa demonstrar, de uma forma sintética, o meu percurso formativo, assim como as experiências, aprendizagens, desafios, dificuldades, conhecimentos e até mesmo competências que vieram sendo alcançadas através das vivências destas duas realidades tão diversas. É importante referir que todo este trabalho está sustentado por uma revisão bibliográfica.

Este, encontra-se organizado em quatro partes principais que permitem compreender e perceber todo o percurso realizado. A primeira parte, remete para o primeiro estágio realizado, em Educação Pré-escolar, onde apresento uma pequena reflexão sobre o papel do/a educador/a, caraterizo a instituição, assim como tudo o que a envolve e onde apresento um pouco da abordagem em que esta se inspira, Reggio Emília. Ainda nesta parte, descrevo o grupo de crianças em que estive inserida e a respetiva sala de atividades, expondo também uma breve reflexão pessoal sobre esta experiência vivida durante sensivelmente três meses e partilhando algumas das atividades realizadas com o grupo de crianças.

Na segunda parte, insere-se tudo o que se refere ao segundo estágio realizado, no 1.º Ciclo do Ensino Básico. Apresento tal como na primeira parte deste relatório, uma caraterização da escola, bem como da turma de 2º e 3º ano com que trabalhei. Considerarei ainda uma pequena parte em que exponho o papel do/a professor/a, o relato de duas atividades concretizadas com a turma e finalizo com uma reflexão acerca de todo o caminho feito dentro desta realidade.

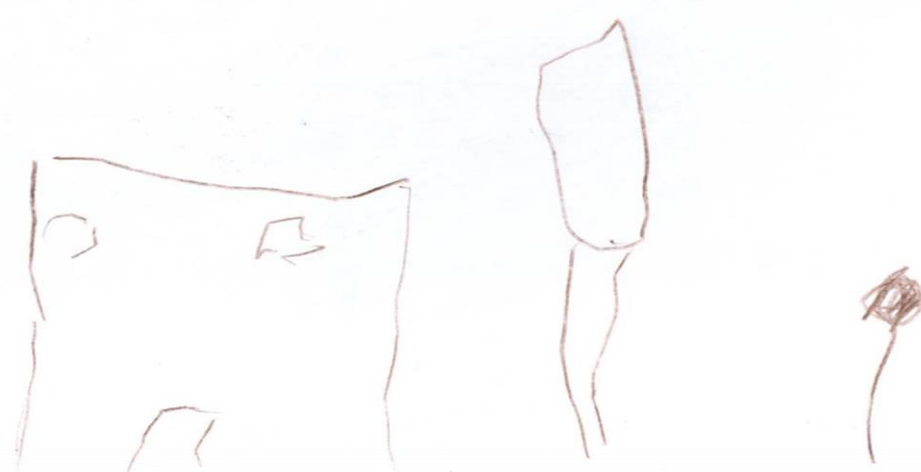
A terceira parte deste trabalho, refere-se a cinco experiências-chave correspondentes aos dois estágios profissionais. A primeira prende-se com a multiculturalidade no contexto escolar pelo facto de ter estado em contato com crianças de outras culturas. Começo por uma breve explicação e exponho algumas das atitudes que o/a educador/a ou professor/a deve ter em relação a este tema tão presente nos dias de hoje. A segunda experiência-chave refere-se ao trabalho de projeto, passando pelas suas várias etapas, fazendo referência ao que foi vivido e experienciado durante o estágio, sendo que este era um método de trabalho bastante presente no dia-a-dia das crianças. A disciplina foi um dos outros temas selecionados para tratar neste relatório, uma vez que foi uma das experiências mais desafiantes para mim, levando-me a procurar saber quais as estratégias e posturas mais adequadas para conseguir um comportamento adequado por parte dos alunos dentro da sala de aula. Como quarta experiência-chave falo sobre a masturbação infantil por ter sido para mim um dos momentos mais difíceis de ultrapassar devido à escassez de conhecimentos nesta área, e por isso, ter optado por investigar mais sobre o assunto, procurando saber o porquê de tal comportamento por parte da criança e saber qual deverá ser a minha atitude enquanto professora/educadora, em relação ao mesmo.

Em relação à última experiência-chave, transversal aos dois níveis de ensino, o tema eleito foi a relação família-escola por ser um tema cada vez mais debatido e sobretudo importante tanto para o sucesso das/os crianças/alunos como para a própria instituição escolar. Uma das razões por me ter debruçado sobre este assunto foi também o facto de ter vivido, em relação a este tema em particular, duas realidades tão diferentes, sendo que de um lado a família era um elemento muito presente e do outro esta relação ser quase inexistente.

Para finalizar, a quarta parte deste relatório prende-se com um estudo feito durante os dois estágios realizados, em Educação Pré-escolar e 1.º CEB, em que reflito sobre a perspetiva das crianças e dos/as alunos/as em relação ao Jardim de Infância e à escola.

EDRO - 3 ANOS

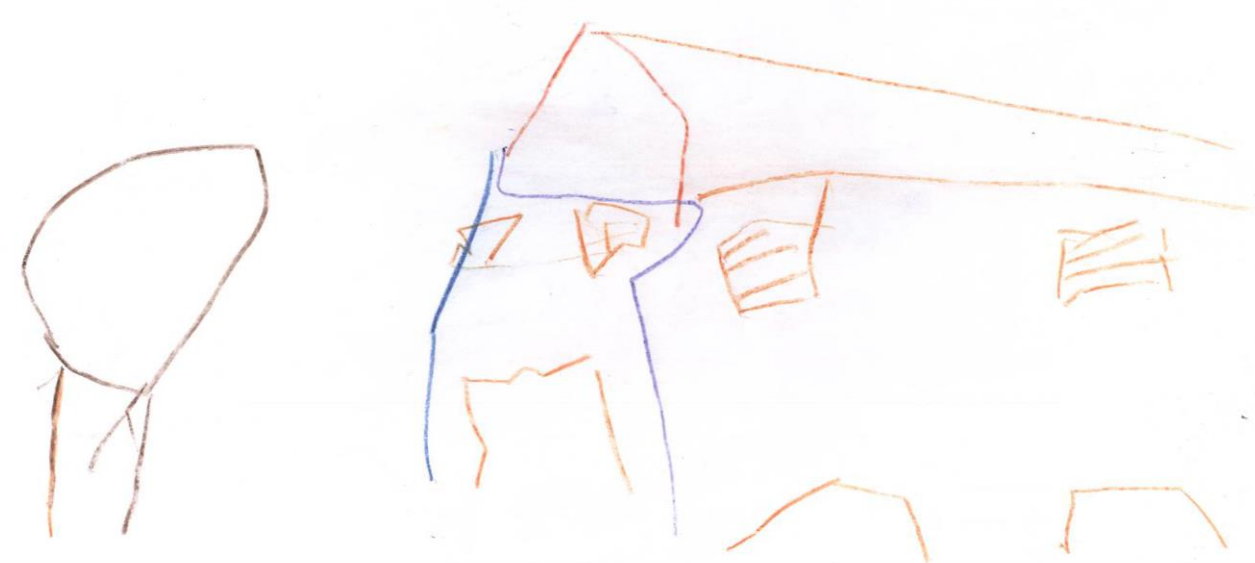
"A minha escola é muito bonita, gosto da minha escola."
"Os amigos brincam no parque."



PARTE I

BRUNO - 4 ANOS. **Descobrindo o Mundo da Educação Pré-Escolar...**

"DESENHEI A ESCOLA DA CALHETA"



*A criança tem cem linguagens
Cem mãos cem pensamentos
Cem maneiras de pensar
De brincar e de falar
Cem sempre cem
Maneiras de ouvir
De surpreender de amar
Cem alegrias para cantar e perceber
Cem mundos para descobrir
Cem mundos para inventar
Cem mundos para sonhar.
A criança tem
Cem linguagens
(e mais cem, cem, cem)
Mas roubam-lhe noventa e nove
Separam-lhe a cabeça do corpo
Dizem-lhe:
Para pensar sem mãos, para ouvir sem falar
Para compreender sem alegria
Para amar e para se admirar só no Natal e na Páscoa.
Dizem-lhe:
Para descobrir o mundo que já existe.
E de cem roubam-lhe noventa e nove.
Dizem-lhe:
Que o jogo e o trabalho, a realidade e a fantasia
A ciência e a imaginação
O céu e a terra, a razão e o sonho
São coisas que não estão bem juntas
Ou seja, dizem-lhe que os cem não existem.
E a criança por sua vez repete: os cem existem!*

Loris Malaguzzi (1996)

O papel do/a Educador/a

“ O educador em termos de dimensão pessoal é um modelo para as crianças e exerce uma influência determinante no seu desenvolvimento pessoal e social”

(Simões, 2004, pág.8)

O/A educador/a é visto todos os dias pelas crianças como sendo um modelo. Este/a não deve influenciar as decisões individuais das crianças e não deve demonstrar atitudes discriminatórias e conflituosas que possam influenciá-las negativamente.

Ambos (educador/a e educando) devem aprender juntos, caminhar lado a lado, partilhando momentos de aprendizagem proporcionando desenvolver capacidades. Compete ao/à educador/a desenvolver projetos que vão ao encontro da criança facultando-lhe novos desafios, descobertas e resoluções de problemas que permitam a construção da sua autonomia, espírito crítico e vontade de aprender. Como mencionam Aguiar, Grilo, Odete e Gil (2004, citados por Marchão, 2012, pág. 102), “o educador em contexto real de jardim-de-infância, inserido na comunidade educativa, tem de usar saberes para que, no desencadear de experiências do quotidiano das crianças, possa potenciar aventuras mobilizadoras de aprendizagens significativas e interessantes”.

De acordo com o Decreto-Lei nº 241/2001¹, o/a educador/a “planifica a intervenção educativa de forma integrada e flexível, tendo em conta os dados recolhidos na observação e na avaliação, bem como as propostas explícitas ou implícitas das crianças, as temáticas e as situações imprevistas emergentes no processo educativo”, tendo igualmente em conta os conteúdos mais aliciantes para as crianças, como os seus gostos e interesses.

Este/a deve ter uma atitude recetiva, flexível e crítica mostrando-se disponível para trabalhar em conjunto com a comunidade educativa e comunidade envolvente

¹ Perfil específico de desempenho profissional do educador de infância

para desenvolver projetos e assim incentivar uma estreita relação entre a escola e os pais para um melhor desenvolvimento das suas crianças.

CAPÍTULO I

Descobrimos a instituição...

1.1. Caraterização da instituição

“O meio social envolvente – localidade ou localidades de onde provêm as crianças que frequentam um determinado estabelecimento de educação pré-escolar, a própria inserção geográfica deste estabelecimento – tem também influência, embora indireta, na educação das crianças”.

(OCEPE, 1997, pág. 33)

O jardim-de-infância em que decorreu o meu estágio rege-se segundo uma abordagem sócio-construtivista inspirada na abordagem Reggio Emília, e simplesmente inspirada porque retiram apenas algumas ideias que acham fundamentais seguir. Este, debruça-se em sete princípios fundamentais com base essencialmente nos interesses e motivações das crianças, sendo eles, o trabalho de projeto, o desenvolvimento representativo, trabalho em equipa, educadores/as como investigadores/as, documentação e a organização do espaço.

Esta instituição conta neste momento com cerca de 70 crianças e funciona desde a sua abertura, em 1973, numa moradia adaptada que possui um jardim espaçoso e arborizado. Situa-se numa zona habitacional privilegiada da cidade de Coimbra, freguesia de Sé Nova.

Todo o trabalho desenvolvido neste JI é feito a partir de projetos sugeridos ou não pelas crianças. Não se pretende aqui mostrar trabalho feito mas sim ter em conta o que as crianças sabem, bem como as suas curiosidades, interesses, necessidades, culturas e modos de vida e com isso desenvolver um trabalho de descoberta em conjunto, sendo eles juntamente com o/a educador/a os responsáveis pela preparação e desenvolvimento de cada projeto. Segundo as OCEPE, “acentua-se a importância da educação pré-escolar a partir do que as crianças já sabem, da sua cultura e saberes próprios” (pág.19). Pretende-se com isto, que as crianças produzam em conjunto com

o/a educador/a o seu processo de aprendizagem, tirando-as de alguma forma do lugar de passividade, e em vez disso, colocá-las num papel ativo e participativo.

1.2. Abordagem Reggio Emilia

Loris Malaguzzi está profundamente ligado a esta abordagem pedagógica, Reggio Emilia, sendo o seu inspirador e organizador. O seu trabalho foi inspirado sobretudo em duas constantes, projetar e ter confiança no futuro.

Após a Segunda Guerra Mundial ter destruído boa parte da cidade Reggio Emilia, em Itália, era necessário que todos se lançassem à reconstrução, assim, pais das crianças formaram as escolas Reggio Emilia pensando sobretudo num espaço adequado aos/às seus/suas filhos/as.

Estas escolas tornaram-se visíveis a todo o mundo quando, em 1991, uma revista destacou estas como sendo as melhores do mundo.

Nesta abordagem, os/as educadores/as entendem que as crianças falam para nos transmitir algo. As suas falas são registadas fazendo parte da documentação dos projetos, relatórios e diários. As crianças são os “autores” e não os “atores” nos trabalhos e projetos desenvolvidos sendo o/a educador/a apenas um/a mediador/a dos seus desejos e das suas necessidades.

Aqui, incentiva-se sobretudo o desenvolvimento intelectual da criança encorajando-as a explorar o seu ambiente e a expressar-se através de diferentes “linguagens”, palavras, movimento, desenhos, pintura, montagens, escultura, teatro de sombras, colagens, dramatizações e música, tendo também a preocupação de incluir todas as crianças, até mesmo as que apresentam necessidades especiais.

A participação dos pais na vida escolar dos/as filhos/as é vista como um ponto crucial, uma vez que a escola funciona como uma continuação do que vivem em casa.

O espaço é visto como sendo o terceiro educador, por isso deve ser flexível, aberto a mudanças das crianças e educadores/as de forma a dar resposta às suas necessidades e permitir que estes sejam promotores do seu conhecimento. O espaço exterior é considerado uma continuidade do espaço interior e dos trabalhos aí desenvolvidos.

1.3. Recursos humanos

Esta instituição conta com uma equipa técnica constituída por quatro educadoras e um educador de infância, sendo este o diretor, oito assistentes operacionais (sete auxiliares de educação e uma auxiliar de limpeza e apoio à alimentação), uma técnica superior e um professor especialista de Expressão Musical.

Apesar das tarefas específicas que cada auxiliar tem, todas dão apoio às crianças sempre que necessário.

1.4. Recursos físicos

Este jardim-de-infância é constituído por três pisos, cave, rés-do-chão e primeiro andar, sendo que a comunicação interior é feita por escadas. Dispõe de quatro salas de atividades, um salão polivalente, um ginásio, cinco casas de banho, uma cozinha, um gabinete e dois ateliers (um atelier de expressão plástica e ciências e um atelier de expressão dramática e musical), todos devidamente equipados e sendo adaptados sempre que necessário com o objetivo de dar resposta às motivações e gostos das crianças. Existe ainda um espaço destinado à arrumação dos pertences das crianças. O dormitório fica na cave, onde todos os dias são colocadas e retiradas as camas pois também é utilizado para outros fins. O refeitório situa-se no salão polivalente. Todo o ambiente físico da instituição “é objeto de uma especial atenção de forma a promover a interação social, a aprendizagem cooperativa e a comunicação

entre as crianças, os professores, os pais e os membros da comunidade” (Lino, 2013, pág. 120)

A zona exterior circunda toda a instituição. Para além das zonas ajardinadas e dos canteiros existe uma zona em cimento equipada com baloiços, escorregas e outros materiais para as crianças brincarem. Além de tudo isto, existe ainda um campo de cimento revestido a toda a volta com rede.

1.5. Organização do tempo

“Porque o tempo é de cada criança, do grupo de crianças e do educador...”

(OCEPE, 1997, pág. 40)

Esta instituição tem um horário de funcionamento de segunda a sexta-feira, das 8h às 18.30h, encerrando aos fins-de-semana, feriados e durante o mês de Agosto. A componente educativa tem início às 9.30h estendendo-se até às 12.30h e retoma das 14.30h até às 16.30h (ver apêndice 10).

1.6. Organização do espaço

“O ambiente deve atuar como uma espécie de aquário que reflete as ideias, atitudes e culturas das pessoas que nele vivem”

(Malaguzzi, 1997, citado por Lino, 2013, pág. 120)

Este edifício apresenta algumas limitações pois não foi um projeto construído de raiz, no entanto, apresenta um espaço bastante organizado e potencializador para o desenvolvimento de todas as crianças. Todo o espaço deve ser planeado de modo a que as crianças possam explorar, brincar e movimentar-se livremente, assim como criar e resolver problemas. O jardim-de-infância deve ser um espaço “em que educadores, famílias e crianças participam ativamente, partilhando ideias, dividindo tarefas e em comum assumindo responsabilidades” (Formosinho, 1998, pág. 100).

Nesta instituição as crianças estão divididas por 4 grupos. Cada grupo tem como referência a sala de atividades e é aí que passam maior parte do seu dia, por isso, deve ser um espaço pensado e planeado em conjunto com as crianças, e os materiais devem estar de acordo com os seus interesses, pois segundo as OCEPE, “os materiais existentes e a forma como estão dispostos condicionam, em grande medida, o que as crianças podem fazer e aprender” (pág. 37). As salas de atividades estão organizadas por áreas de modo a proporcionar às crianças experiências significativas e um bem-estar essencial para aprendizagens de qualidade.

O espaço exterior da instituição é utilizado para qualquer tipo de atividades. Pode ser utilizado para as atividades de expressão motora e musical, jogos de pequeno e grande grupo, pinturas, brincadeiras livres ou mesmo para uma coisa tão simples como contar uma história.

O espaço deve ser muito mais do que um simples local seguro e útil, deve ser “um espaço único que resulta de um trabalho colaborativo entre todos os intervenientes no processo educativo” (Malaguzzi, 1998, citado por Lino, 2013, pág. 123). Devem ser espaços agradáveis e acolhedores, que reflitam os projetos, as atividades, as rotinas diárias, mas também as ideias, os valores, as atitudes de quem nele interage e sobretudo algo que tenha significado para as crianças.

É importante, na minha opinião, que o/a educador/a não pense no espaço como sendo apenas as salas de atividades, mas considerar o espaço que envolve toda a instituição como sendo uma continuação desse. A educação já não se confina a quatro paredes e uma porta fechada, pois toda a instituição e tudo o que a rodeia faz parte da mesma. É necessário dar a oportunidade das crianças experienciarem o mundo lá fora, daquele que faz parte do seu dia-a-dia.

1.7. Interação com as famílias

A relação com os pais é um ponto muito privilegiado e muito importante aos olhos desta instituição, tentando manter os encarregados de educação e famílias sempre envolvidas no dia-a-dia dos/as seus/suas filhos/as. Um bom exemplo disso é

o facto de todos os dias, ou na sua grande maioria, as criança levarem perguntas para casa sobre algum dos projetos ou de algum assunto que tenha sido discutido, podendo assim pesquisar juntamente com os pais ou mesmo simplesmente conversar sobre o assunto para posteriormente partilhar na sala com os colegas aquilo que conseguiu descobrir. Esta relação escola-família é fundamental “porque os pais são os principais responsáveis pela educação das crianças, têm também o direito de conhecer, escolher e contribuir para a resposta educativa que desejam para os seus filhos” (OCEPE, 1997, pág. 43).

Todos os projetos são dados a conhecer à comunidade através de exposições de placards no hall de entrada da instituição elaborados pelos educandos em conjunto com o/a educador/a, e que vão sendo atualizados periodicamente. Assim, os pais poderão ter um acompanhamento continuado daquilo que vai sendo concretizado no JI e permite que tenham a oportunidade, uma vez que conhecem os temas dos projetos em desenvolvimento, de se envolver na execução dos mesmos podendo contribuir com os seus conhecimentos ou mesmo realizar pesquisas junto com as suas crianças.

Sempre que é possível os pais são convidados a partilhar com as crianças experiências e saberes, ou simplesmente a contar uma história.

Ao longo de todo o período escolar são realizadas algumas festas no jardim-de-infância que contam com a presença das famílias bem como no final do ano uma festa em que as crianças apresentam canções, teatros, coreografias que estão relacionadas com aquilo que foram fazendo ao longo de todo o ano. No aniversário de cada criança os pais podem participar na hora do lanche para celebrar juntamente com as restantes crianças.

A instituição proporciona também esta relação através de um atendimento individualizado, reuniões de pais e conversas informais sempre que oportuno.

1.8. Projeto educativo da instituição – “Coimbra à vista”

“Por “Projeto Educativo” podemos entender todo o conjunto de procedimentos, patentes ou latentes, que todos os intervenientes nas suas instituições implicadas no mesmo se propõe realizar com vista à consecução das finalidades educativas por eles previamente definidas”

(citado por Rolla e Rolla, 1994, pág. 13)

O projeto educativo desta instituição tem como tema “Coimbra à vista”. O tema foi escolhido a partir dos interesses e motivações das crianças dos quatro grupos. Ao longo do ano cada sala trabalhou de forma diferente este tema pois eram as crianças que decidiam em conjunto que lugares de Coimbra visitar e que atividades realizar.

Relativamente ao grupo com que estagiei, este realizou apenas uma atividade referente a este projeto, a construção de um castelo. Além disso, realizaram quatro visitas de estudo a alguns pontos de interesse da cidade de Coimbra, ao Jardim Botânico, ao Penedo da Saudade, ao Portugal dos Pequenitos e ao Mercado Municipal D. Pedro V.

No Dia Mundial da Criança, 1 de Junho, a instituição organizou uma visita guiada à cidade de Coimbra para todas as crianças e famílias. O objetivo era dar a conhecer às crianças um pouco mais da sua cidade e da sua história.

CAPÍTULO II

Descobrimos o grupo de crianças...

2.1. Caraterização do grupo

O grupo do qual fiz parte é constituído por 13 crianças, sete meninas e seis meninos, com idades compreendidas entre os 4 e os 6 anos. Duas das crianças são mais novas do que o restante grupo, tendo sido inseridas no mesmo devido à falta de vagas na sala dos 4 anos, no entanto, não vejo isso como um ponto negativo mas sim positivo uma vez que “a interação entre crianças em momentos diferentes de desenvolvimento e com saberes diversos, é facilitadora do desenvolvimento e da aprendizagem” (OCEPE, 1997, pág. 35). A maior parte das crianças já frequentam este Jardim-de-Infância desde o ano anterior, estando assim já familiarizadas com a instituição e com a comunidade ao seu redor, exceto uma criança que veio da Estónia e outra de uma instituição diferente. A receção por parte do grupo já formado foi excelente, sendo decisivo na integração das crianças. Este facto, veio comprovar o espírito de solidariedade e de entreaajuda que carateriza este grupo de crianças.

Duas crianças, por serem provenientes de outros países, uma da Estónia e outra da Guatemala, apresentam algumas dificuldades na expressão oral bem como na compreensão da língua portuguesa.

No geral, as crianças são bastante recetivas perante as atividades que lhes são propostas, mostrando interesse por realizá-las. Pude concluir que este grupo gosta especialmente de ouvir histórias, conseguindo recontá-las com alguns pormenores, fazer puzzles e todo o tipo de jogos que sejam em grupo, por exemplo o bingo, cartas, jogos de tabuleiro, etc.

Ao nível da concentração, apesar das atividades serem de pouca duração, nota-se claramente que quando são planificadas em conjunto com as crianças existe um maior interesse e motivação por parte delas na sua realização.

Durante todo o meu estágio nunca vi uma criança a brincar sozinha, o que me leva a crer que são um grupo bastante unido e gostam sobretudo de brincar juntos e até mesmo de inventarem novas brincadeiras e novos jogos, o que reflete a sua criatividade e imaginação.

No geral, as crianças encontram-se no mesmo patamar em relação ao desenvolvimento cognitivo, motor e linguístico, no entanto, não devemos esquecer

que cada criança tem características próprias que a distinguem de todas as outras e um ritmo próprio de aprendizagem e desenvolvimento, devendo a “educação pré-escolar adotar a prática de uma pedagogia diferenciada, centrada na cooperação, que inclua todas as crianças, aceite as diferenças, apoie a aprendizagem, responda às necessidades individuais” (OCEPE, 1997, pág.19).

A curiosidade é outra característica presente neste grupo, mostrando sempre interesse em pesquisar e saber mais.

2.2. Organização da sala de atividades

Na sala dos “peixes” a organização do espaço foi pensada sobretudo para promover aprendizagens significativas e muito importante também, desenvolver o gosto pelo jardim-de-infância (ver apêndice 4). Os espaços vão mudando sempre que for vontade das crianças, podendo surgir novas áreas mediante os projetos que se estão a desenvolver. O grupo participa em todas as alterações que são feitas, sendo importante esta participação, uma vez que os ajuda a compreender mais facilmente para que serve cada área e qual a sua utilidade, tornando-os mais autónomos, “o conhecimento do espaço, dos materiais e das atividades possíveis é também condição de autonomia da criança e do grupo” (OCEPE, 1997, pág. 38).

2.3. Rotina diária

“A sucessão de cada dia ou sessão tem um determinado ritmo existindo, deste modo, uma rotina, uma rotina que é educativa porque é intencionalmente planeada pelo educador e porque é conhecida pelas crianças que sabem o que podem fazer nos vários momentos e prever a sua sucessão, tendo a liberdade de propor modificações”

(OCEPE, 1997, pág. 40)

O acolhimento é a primeira rotina das crianças do grupo dos “peixes”. Enquanto as crianças esperam que todos os colegas cheguem, podem brincar livremente no salão polivalente. Quando o grupo já se encontra completo, dirigem-se juntamente com a educadora ou com a auxiliar até à sala de atividades onde começam por cantar as canções de bom dia e marcar as presenças. Em seguida, é lida a história do dia, que geralmente é trazida por uma criança.

O resto da manhã é dedicado a tarefas referentes aos projetos da sala ou ao projeto da instituição, exceto às sextas-feiras em que as manhãs são destinadas a “brincar às escolas” onde se realizam fichas de trabalho. Estas fichas são feitas com o intuito de preparar as crianças para o 1.º CEB, contendo números, letras ou outros temas que sejam do interesse das crianças.

Outra rotina das crianças é o almoço. Por volta das 11.45h dirigem-se à casa de banho para fazer a higiene e seguem para o salão polivalente onde é servido o almoço. Após a refeição é a hora da sesta, no entanto, o grupo dos peixes não faz o descanso, ficando na sala, ou quando possível no espaço exterior da instituição, a fazer atividades livres.

Às 14.30h as crianças regressam às respetivas salas de atividades para realizarem mais uma vez tarefas relacionadas com os projetos, bem como uma reunião de grupo como é habitual. Quando chega às 15.50h as crianças formam um comboio e dirigem-se à casa de banho para fazerem a higiene. Depois de terem tomado o lanche seguem para a área exterior da instituição ou para a sala de atividades.

Contudo, podem existir modificações na rotina diária das crianças, havendo propostas por parte delas ou da educadora.

CAPÍTULO III

Ao longo de três meses...

3.1. Desenvolvimento das práticas pedagógicas

Depois de passar a fase de reconhecimento, e de já estar um pouco integrada tanto no ambiente da instituição, como da sala em que estava inserida, tive a oportunidade de concretizar algumas atividades pontuais com o grupo de crianças.

A primeira atividade que realizámos surgiu muito naturalmente a partir de um objeto, neste caso um marcador de livros, que uma criança tinha trazido para a escola. Esse marcador tinha um animal e como havia já na sala um projeto dos animais, todos mostraram interesse em fazer um com o seu animal preferido. As crianças é que decidiram que materiais queriam utilizar. Com um elástico, colocaram algumas missangas para o decorar e aplicaram o animal. Percebi que às vezes realizamos coisas tão simples mas que deixam as crianças tão felizes por ser do seu interesse.

A realização desta atividade deu seguimento a outra. Uma vez que as crianças tinham construído animais, começaram a surgir algumas dúvidas sobre as características de cada animal, mostrando interesse em conhecê-las melhor.

Como na sala existiam algumas enciclopédias de animais, nasceu então a ideia de cada um construir um livro em que colocava animais à sua escolha e onde falava um pouco sobre as suas características. A partir daí as crianças escolheram e escreveram o título do livro nas respetivas capas, “Livro sobre animais”, e cada uma decorou a seu gosto. Posteriormente, colocámos sobre as mesas uma grande diversidade de livros sobre animais para que cada criança pudesse escolher qual o animal que queria conhecer mais pormenorizadamente e poder pesquisar sobre ele (ver apêndice 1). Esta atividade mostrou cativar as crianças, assim como os pais. Tivemos o privilégio de contar com a presença do pai de uma criança que partilhou connosco os seus conhecimentos sobre alguns animais, o que é ótimo pois o pré-escolar é considerado como “complementar da acção educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita relação” (OCEPE, 1997, pág. 22).

A última atividade que elaborámos com as crianças antes da implementação do nosso projeto foi relacionada com o projeto “Quem sou eu?”. Esta era uma

atividade que já tinha sido iniciada mas nunca concluída, daí lhe termos dado continuidade. Esta consistia em cada criança trazer a sua morada completa e de alguma forma organizá-las. Assim, após algumas conversas com as crianças e com um pouco da nossa ajuda chegámos à conclusão que utilizando um mapa da cidade de Coimbra podíamos ver todas as ruas inclusive as ruas onde cada criança vivia.

Com o mapa, marcámos um ponto que representava o JI e cada criança traçou com a ajuda de uma régua a distância de sua casa ao jardim-de-infância. Na verdade, existiam três réguas de tamanhos diferentes para que as crianças percebessem que quando utilizavam a régua mais pequena era porque a sua casa era perto do JI e quando utilizavam a régua maior era porque a sua casa ficava longe do JI.

Mais tarde, cada criança quis representar o seu caminho através de um fio de lã. Aproveitando esta ideia das crianças, colocámos todos os pedaços de lã lado a lado para que pudessem observar com mais clareza que o fio mais pequeno pertencia ao/à menino/a que vivia mais perto do jardim-de-infância e que o fio maior pertencia ao/à menino/a que vivia mais longe. Todos quiseram colocar como título desta atividade “O caminho de nossa casa até à escola” e inclusive foram eles que o escreveram. Durante toda esta atividade as crianças foram-se mostrando interessadas e fazendo comentários como “O meu caminho foi o mesmo tamanho da régua média” ou “Eu sou o segundo mais perto” (ver apêndice 2).

3.1.1. Projeto “Centro Comercial Peixinhos”

O projeto “Centro Comercial Peixinhos” foi desenvolvido a partir de uma visita ao Mercado Municipal D. Pedro V uma vez que as crianças queriam ver como era um mercado e o que lá vendiam. Esta visita foi tão importante para as crianças que surgiu a ideia e o interesse de construirmos uma loja na nossa sala.

Este tornou-se um projeto muito interessante e penso que muito produtivo para todas as crianças pois envolveu uma série de atividades como a construção de moedas, para que as crianças tivessem uma noção do valor de cada uma e a importância que o dinheiro tem nas nossas vidas. Outro aspeto importante foi as

crianças descobrirem com que materiais iríamos construir a loja, os que eram mais adequados para trazermos para a sala e como é que ela iria ser construída e onde. Após algumas conversas em conjunto, as crianças acabaram por decidir que a loja seria construída utilizando caixas de papelão pintando-as de diversas cores.

Com o intuito de ser mais justo e para que todos pudessem dar as suas ideias e opiniões, decidimos em conjunto recorrer à eleição do nome da loja e do que seria lá vendido através de votação com o dedo no ar. Cada criança dava a sua sugestão e no fim vencia aquele que tivesse o maior número de votos. Assim, ficou estipulada a venda de livros, bijuteria e jogos e como nome da loja “Centro Comercial Peixinhos”.

Para a construção da loja começámos por pintar várias caixas com as cores escolhidas pelas crianças e optámos por utilizar não só a sala de atividades mas também o espaço exterior para realizar as pinturas, o que tornou a atividade muito mais divertida e interessante para todos, pois só o facto de não estarmos na sala já os entusiasmou muito mais. Seguidamente começámos a construir os colares, pulseiras e jogos, sendo que cada criança podia escolher no que trabalhar, pois na verdade cada criança tem as suas preferências e os seus gostos e nem todos têm que gostar de fazer as mesmas coisas.

O momento em que juntámos todos os materiais e construímos a loja foi de completa alegria, todos/as queriam participar e iam dando sugestões que fomos ouvindo. Na verdade, o resultado foi fantástico, foram as próprias crianças que decidiram tudo e conseguiram que desse um resultado espetacular.

Depois de toda a montagem da loja surgiu a questão de onde se colocaria o dinheiro das vendas, e por isso foi construída uma caixa registadora a partir de material reutilizável.

Ainda antes de inaugurarmos a loja, foi necessário terminar alguns pormenores. Pedimos às crianças que com a nossa ajuda definissem qual seria o preço dos produtos. Ficou decidido que os colares seriam a 1,50 euros, as pulseiras 0,50 euros, os jogos 1,00 euros e os livros igualmente 1,00 euros. Esta parte foi

muito importante para as crianças começarem a ter a perceção de que tudo tem um valor.

Para a construção dos nossos livros as crianças desejaram utilizar uma história que já tinham criado anteriormente com a educadora, “O Sr. João e o Sobreiro”. Cada criança ficou responsável por ilustrar duas passagens do texto à sua escolha, sendo que algumas crianças elaboraram as ilustrações da capa.

Divididas em dois grupos, as crianças começaram por colar em folhas brancas A4 os excertos do texto, fazendo corresponder as suas ilustrações. Tomando como exemplo um livro da sala, expliquei às crianças o que contém a capa de um livro para que pudessem perceber e ser eles a criar as capas da forma que mais gostassem. Acabaram por pôr na capa o título e a ilustração e na contra capa cada um assinou o seu nome como sendo autor e ilustrador daquele livro (ver apêndice 3).

3.2. Olhando para trás

Ao olhar para trás posso afirmar que ao longo de três meses de estágio aprendi e cresci não só a nível profissional mas também pessoal.

Não foram três meses fáceis e no início tornou-se até um bocadinho assustador entrar numa instituição e ter de me inserir e entrar no ritmo de trabalho, sobretudo em tão pouco tempo. Não sabia que tipo de trabalho ia encontrar pois não conhecia detalhadamente a abordagem com que a instituição trabalhava, Reggio Emilia, e por isso tornou-se mais difícil começar a interagir. No entanto, penso que no final já estava inserida no método de trabalho e consegui ter uma boa prestação, não aquela que eu desejava porque quando chegamos ao fim achamos sempre que podíamos ter feito mais e melhor. Contudo, tentei desfrutar ao máximo de todos os momentos com as crianças e com a comunidade educativa.

Fui acompanhada por três elementos que me ajudaram a desempenhar o meu trabalho como educadora estagiária e com quem partilhei cada dia do meu estágio: a educadora cooperante, a auxiliar de ação educativa e a minha colega estagiária.

Esta minha caminhada contou com três fases distintas. A primeira, prendia-se com a observação, ajudando-me a integrar nas rotinas e regras da instituição, como também conhecer mais pormenorizadamente o grupo e o papel da educadora cooperante e auxiliar. Na segunda fase, cabia-nos a nós estagiárias realizar atividades pontuais com o grupo de crianças, beneficiando do apoio da educadora cooperante de forma a preparar-nos para a fase seguinte. Já na terceira e última fase, era da nossa responsabilidade gerir o grupo durante todo o dia, planificando as atividades e desenvolvendo-as com as crianças com o auxílio da educadora cooperante sempre que necessário.

Com o passar do tempo fui percebendo o modo de trabalho da instituição, como interagiam com a família e a comunidade e até mesmo como interagiam uns com os outros. Fui criando uma relação cada vez mais próxima com cada criança do meu grupo e isso foi-me ajudando a perceber quais eram os seus interesses, os seus gostos e até aquilo que menos gostavam. Isso foi essencial para a minha ação enquanto estagiária e ajudou-me, a desenvolver, com o grupo, atividades que fossem úteis e entusiasmantes para eles/as.

Houve imensas dúvidas, inseguranças, medos, durante todo o estágio, principalmente o medo de falhar, mas consegui superar todas as dificuldades.

Conhecer a abordagem Reggio Emilia e ter a oportunidade de a experienciar na prática foi uma mais-valia para mim e para o meu percurso enquanto educadora pois ajudou-me especialmente a desfazer algumas ideias que muitas vezes fazem questão de persistir na nossa mente, devido à educação que nos foi proporcionada enquanto crianças. A aprendizagem não pode ser mais vista apenas como a transmissão ou a reprodução de conhecimentos mas sim, como diz Rinaldi (1994, pág. 13) “como um processo de construção da razão, dos porquês, dos significados, do sentido das coisas, dos outros, da natureza, de realização, da realidade, da vida. É um processo de auto e socioconstrução, um ato de verdadeira e própria co-construção” (citado por Barbosa e Horn, 2008).

No decorrer desta experiência tive oportunidade de ir desenvolvendo diversas atividades com o grupo, nomeadamente a leitura de histórias infantis, a realização de

atividades alusivas aos projetos já existentes em que as crianças trabalharam o eu, através do conhecimento de um/a pouco de cada um e alguns aspetos da sua família. Trabalharam os animais e todas as características de cada um deles fazendo registos e ilustrações sobre os mesmos. Demos também apoio nalgumas práticas da educadora sempre que nos foi solicitado.

No momento da despedida vim com uma lágrima no olho, de tristeza pois acabava ali o meu percurso de três meses mas também de alegria por ter consigo criar uma ótima relação com aquelas crianças e por ter aprendido tanto com elas.

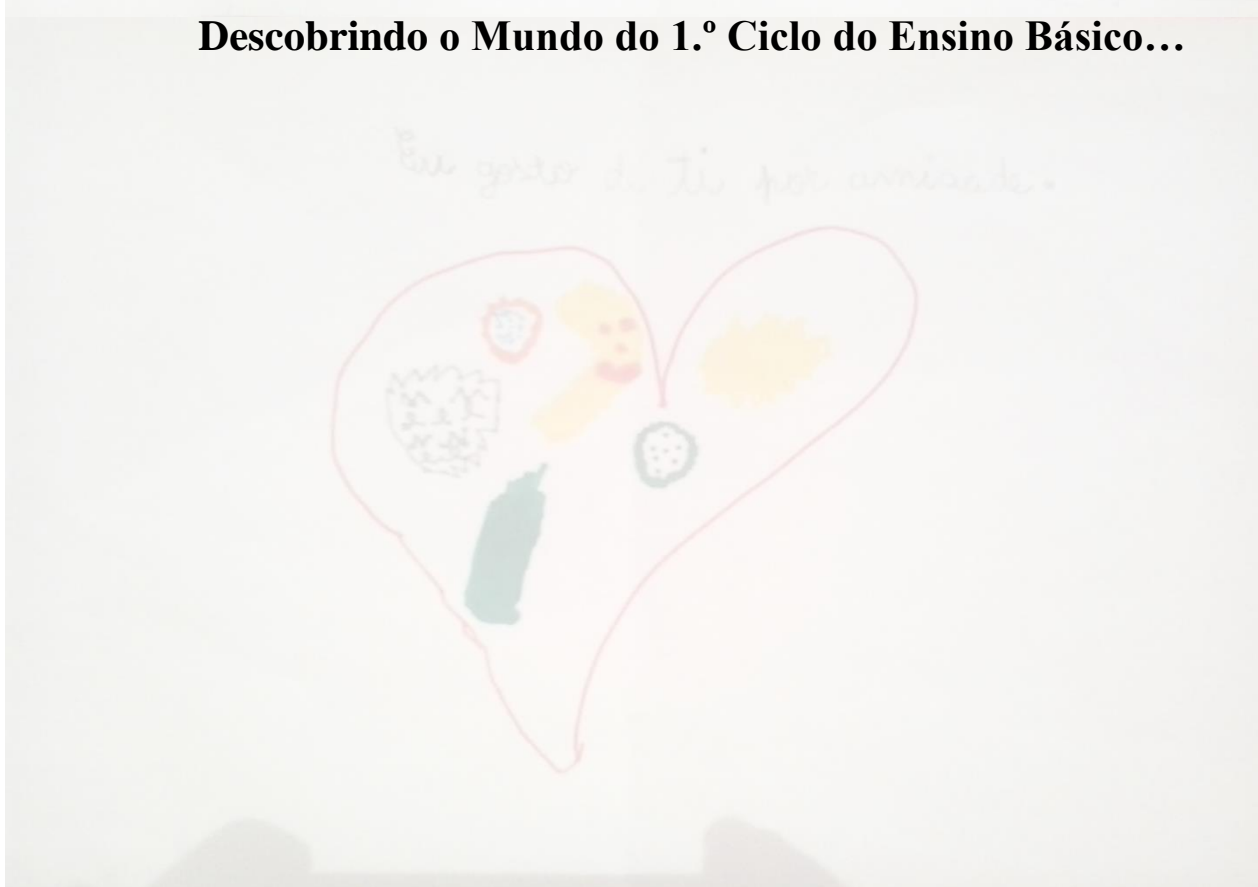
O grupo era excelente, eram crianças interessadas, qualquer coisa que fosse para concretizar envolviam-se inteiramente e via-se que tinham gosto em fazê-lo. Eram muito participativas, sempre que tínhamos momentos de conversa tinham histórias, experiências para contar e ideias para trabalhar. É evidente que existem sempre crianças mais participativas do que outras, mas acabava por se criar um clima de interajuda pois os mais participativos acabavam por estimular os menos participativos e muitas vezes acabavam até por completar ideias uns dos outros.

Cada vez me apercebo mais que ser educador/a é aprender com as crianças, é estar atenta e informada de tudo aquilo que se passa à nossa volta, é evoluir, é dar amor, carinho e afeto, transmitir regras e valores, mas também proporcionar-lhes experiências, aprendizagens e conhecimentos. É ter o prazer de ter a vida e o futuro das crianças nas nossas mãos.



PARTE II

Descobrindo o Mundo do 1.º Ciclo do Ensino Básico...



*“Não lhe posso dar que já não
exista em você mesmo.
Não posso abrir-lhe outro
mundo de imagens,
Além daquele que há em sua
própria alma.
Nada lhe posso dar a não ser
a oportunidade, o impulso, a chave.
Eu o ajudarei a tornar visível
o seu próprio mundo, e isso é tudo.”*

Hermann Hesse

O papel do/a professor/a

O papel do/a professor/a já não é há muito aquele que em tempos fora. A evolução da sociedade e das escolas fez com que o seu papel fosse sofrendo alterações, sendo que no passado era ele/a que detinha todo o conhecimento e tinha apenas o papel de o transmitir, enquanto que atualmente passou a orientar e preparar os/as seus/suas alunos/as sensibilizando-os/as e incentivando-os/as a pensar, a questionar e a aprender a ler a nossa realidade para que possam tornar-se pessoas autónomas, com sentido crítico e opiniões próprias, como refere no Decreto-Lei nº 241/2001², o/a professor/a do 1.º CEB “promove a autonomia dos alunos, tendo em vista a realização independente de aprendizagens futuras, dentro e fora da escola”.

Assistimos hoje a uma grande diversidade de culturas e estratos sociais nas nossas escolas e isso dinamizou um/a novo/a professor/a com o dever de olhar para todos/as os/as alunos/as de igual forma, de proporcionar oportunidades iguais para todos e sobretudo respeitar e fazer com que respeitem as particularidades de cada um. Segundo o Decreto-Lei nº 240/2001³, o/a professor/a “identifica ponderadamente e respeita as diferenças culturais e pessoais dos alunos e demais membros da comunidade educativa, valorizando os diferentes saberes e culturas e combatendo processos de exclusão e discriminação”.

O/A docente é visto/a como um modelo para os/as seus/suas alunos/as através dos seus atos e ações, se quer ensinar a respeitar também deve respeitar, mostrando assim que é a prova viva daquilo que lhes está a ensinar. Os estudantes, sobretudo os mais novos, têm necessidade de referências, de modelos de liderança e, em geral, encontram-no no/a professor/a (Cardoso, 2013, pág. 77).

Campos (2002) afirma que a competência docente não consiste apenas no domínio dos conhecimentos científicos, das técnicas e rotinas de ensino, mas também na capacidade de mobilização desses saberes, face à singularidade de cada ato educativo (citado por Mesquita, 2013, pág. 33).

² Perfil específico de desempenho profissional do professor do 1º ciclo do ensino básico

³ Perfil geral de desempenho profissional do educador de infância e dos professores dos ensinos básico e secundário

CAPÍTULO IV

Descobrimos a escola...

4.1. Caraterização da escola

A escola situa-se numa pequena vila com 7,92 Km² que pertence à cidade de Coimbra. É uma vila pacata com cerca de 2073 habitantes e que, na sua maioria, apresentam uma faixa etária mais elevada, tendo por isso um baixo nível de escolaridade. É também uma zona essencialmente rural, onde ainda grande parte da população pratica a agricultura e faz dela o seu sustento.

O edifício foi construído de raiz para o efeito de escola de 1.º Ciclo do Ensino Básico e acolhe neste momento 73 crianças distribuídas por quatro turmas. Uma turma de primeiro ano com 19 alunos/as, uma de segundo e terceiro ano com 17 alunos/as, uma de terceiro ano com 20 alunos/as e por último, uma turma de terceiro e quarto ano com 17 alunos/as.

Esta escola faz parte do mega agrupamento de escolas de Coimbra Centro e a sua sede localiza-se numa escola secundária que se situa na baixa da cidade, uma zona histórica. Pertencem a este agrupamento uma escola secundária, dez jardins-de-infância, dezoito escolas de 1.º CEB e duas escolas de 2.º e 3.º CEB.

A escola secundária existente dispõe de cursos profissionais (Técnico de Apoio à Infância, Técnico de Apoio Psicossocial, Técnico de Análise Laboratorial e Técnico de Turismo) e de Educação e Formação de Adultos (EFA) em horário de pós-laboral (Técnico Administrativo, Técnico de Ação Educativa e, ainda, de Certificação Escolar), para além dos habituais cursos Científico-Humanísticos (Ciências e Tecnologias e Línguas e Humanidades).

Este agrupamento inclui uma escola de referência para a educação bilingue de alunos/as surdos/as, para alunos/as portadores/as de cegueira e de baixa visão, alunos/as com perturbações do espectro de autismo e alunos/as com multideficiência e surdo cegueira congénita. Assim, podemos dizer que este mega agrupamento tem uma grande diversidade educativa, apresentando-se como uma escola inclusiva, respeitando as caraterísticas, especificidades e necessidades de cada um em particular.

Ao todo, este agrupamento acolhe 1560 estudantes distribuídos pelas suas escolas (ver apêndice 5).

4.2. Recursos humanos

A escola básica conta com uma equipa educativa formada por quatro professores/as titulares de turma, todos efectivos/as, uma professora de educação especial, uma professora de apoio educativo, uma professora de inglês, uma professora de música, um professor de atividade física e desportiva, uma professora de expressões, uma terapeuta da fala e duas auxiliares que ajudam nas refeições, limpeza da instituição e controlo dos alunos. Existem ainda duas pessoas que se deslocam à escola, apenas na hora do almoço, para servirem as refeições, uma vez que estas não são preparadas no próprio local.

4.3. Recursos físicos

O edifício da escola é constituído por dois andares, sendo que no primeiro andar existem duas salas de aula, três casas de banho, uma delas destinada aos/as adultos/as, uma copa equipada com lava-loiça, microondas, mesa, frigorífico e armários com diversa loiça, onde os/as professores/as e auxiliares podem preparar as suas refeições, uma despensa onde é guardado material de limpeza, uma biblioteca com um espaço de leitura, um espaço preparado para o visionamento de filmes e uma zona de informática com três computadores. Ainda neste andar, no hall de entrada, estão fixados vários cabides com os devidos nomes dos/as alunos/as onde podem guardar os seus pertences.

No segundo andar encontram-se três salas de aula, dois gabinetes para os/as professores/as e duas despensas utilizadas para guardar diversos materiais da escola. A ligação entre os dois andares é feita através de escadas.

O espaço exterior é amplo e rodeia toda a escola tendo uma zona coberta para os dias mais chuvosos. Infelizmente, este espaço não possui materiais para os/as

alunos/as brincarem, apenas alguns pneus, no entanto, também se pode tornar um ponto positivo pois eles/as criam as suas próprias brincadeiras, apelando à sua criatividade e imaginação.

4.4. Organização do tempo

Nesta instituição, e como em todas as outras do ensino básico, o ano letivo é composto por três períodos e por três interrupções letivas, sendo que a primeira acontece no mês de dezembro, para férias de Natal, só recomeçando em janeiro as aulas. Na época do Carnaval, há uma segunda pausa de apenas dois dias e uma última na semana da Páscoa estendendo-se sensivelmente durante duas semanas.

O seu horário de funcionamento é das 9.00h às 17.30h, no entanto, a escola é aberta pelas 8.00h por uma auxiliar. Existem ainda as AEC que se iniciam às 16.30h.

4.5. Organização do espaço

Esta escola de primeiro ciclo dispõe de uma sala de aula para cada turma existente, sendo ela o local de referência para os/as alunos/as pois é nela que passam a maior parte do tempo e como tal, deve ser um espaço agradável, acolhedor e do agrado de todos/as.

A sala referente à turma com que estagiei reunia todas as condições para a prática das aulas, no entanto, e como a restante escola, havia necessidade de alguns melhoramentos devido ao edifício já ter alguns anos.

Ao longo do estágio, fomos mudando a sala sempre que necessário, procurando sempre a forma mais cómoda e mais prática para o decorrer das aulas. Fomos igualmente acrescentando algumas decorações feitas pelos/as alunos/as para que a sala ficasse mais afável e para uma melhor resposta aos interesses e necessidades do grupo em questão.

4.6. Interação com as famílias

As únicas formas de interação com as famílias que a escola apresenta são as reuniões feitas no final de cada período ou quando algum/a professor/a ache necessário a sua realização. Na época do Natal e no final do ano letivo é realizada uma festa para os/as alunos/as que conta com a presença de todas as famílias dos educandos.

A meu ver, existe um grande distanciamento entre a escola e os pais. Pelo que pude apurar durante os três meses que estive presente, não há grande interesse nem disponibilidade da parte dos pais em participar mais na vida escolar dos seus educandos, contudo, também a escola não se mostra disponível a proporcionar momentos de partilha e de convivência entre os dois.

4.7. Rotina diária

Os/as alunos/as começam a chegar à escola por volta das oito horas da manhã e até ao começo das aulas aproveitam para brincar e se divertirem. A campainha toca pelas 9.00h e todos/as se dirigem às respetivas salas para ter aula até às 10.30h, hora do intervalo. Às 11.00h, regressam novamente às salas. O período do almoço começa pelas 12.30h e termina por volta das 14.00h e as aulas perduram até às 16.00h. Pelas 16.30h, os/as alunos/as tem as AEC que se prolongam até às 17.30h.

CAPÍTULO V

Descobrimos a turma...

5.1. Caraterização da turma

A turma mista de 2º e 3º anos em que realizei o meu estágio de 1.º CEB é composta no seu total por dezassete alunos/as, nove do sexo masculino e oito do sexo feminino. Sendo uma turma que integra dois anos escolares, são treze os/as alunos/aa que pertencem ao segundo ano e os restantes quatro fazem parte do terceiro ano.

Na sua maioria, os/as alunos/as residem na vila em que se encontra a escola, sendo um pequeno número os/as que para ela se deslocam diariamente. Estes/as provêm essencialmente de famílias de níveis socioculturais baixos. Todos/as apresentam sucesso escolar à exceção de três alunos/as que possuem necessidades educativas especiais. Desses/as três alunos/as em questão dois/duas ainda não estão referenciados/as, no entanto, apresentam algumas dificuldades em acompanhar a restante turma e um défice de atenção. Estas particularidades também se revêm no outro aluno, mas que neste caso já está referenciado e carece de um currículo adaptado, pois apesar de estar matriculado no 2º ano de escolaridade realiza maioritariamente atividades ao nível do 1º ano. Estes/as alunos/as têm acompanhamento por parte de uma professora de educação especial e de uma técnica em terapia da fala, pois um deles apresenta algumas dificuldades ao nível da fala. Apesar das dificuldades destes/as alunos/as, fizemos sempre questão que se sentissem integrados/as na turma, adaptando as atividades sempre que necessário.

No geral, esta é uma turma bastante participativa, mostrando sempre vontade de responder às questões colocadas e mesmo de partilhar conhecimentos ou histórias pessoais. Revelaram no início alguns problemas de comportamento, mas foi combatido através de estratégias criadas por nós estagiárias. Apresentavam interesse sobretudo em atividades práticas e aproveitámos esse entusiasmo da parte deles e conciliámos algumas matérias com jogos e outras atividades lúdicas, o que resultou muito bem uma vez que os/as alunos/as mostravam ter alçado os conhecimentos pretendidos e mais importante ainda, mostravam-se satisfeitas por terem aprendido de uma forma diferente e divertida. Gostavam particularmente de realizar exercícios no quadro e discussões orais, ou seja, todas as atividades que exigissem participação

eram sem dúvida as preferidas do grupo. É de salientar que as atividades de expressão plástica e expressão dramática os motivavam imenso.

Era uma turma em que os/as alunos/as tinham ritmos muito distintos, também devido ao facto de estarem na sala dois anos diferentes, sendo que os/as alunos/as do terceiro ano já apresentavam um ritmo mais avançado acabando as atividades mais rapidamente, à exceção de alguns casos pois também cada criança tem o seu ritmo pessoal. No entanto, tentámos arranjar estratégias para que aqueles/as que acabassem mais rapidamente as tarefas não tivessem de esperar pelos colegas sem nenhuma ocupação. Existiam alunos/as que se evidenciavam pelo facto de quererem estar sempre em ação, a participar, a dar opinião e que eram mais rápidos/as a executar alguma tarefa. Pelo contrário haviam outros/as que se evidenciavam pela negativa pelo facto de não conseguirem esperar pela sua vez ou ainda porque acabavam mais depressa e depois se perdiam em conversas paralelas, perturbando o trabalho daqueles/as que ainda não tinham terminado. Aqueles/as que demoravam mais tempo na realização das tarefas acabavam por mostrar algum desagrado ou mesmo frustração por não conseguirem acompanhar os restantes colegas, sendo que, muitas vezes, até sabiam a resposta mas demoravam mais tempo a formulá-la.

É um grupo que revela, por parte de determinados/as alunos/as, uma certa competitividade, querendo sempre ser os/as primeiros/as a acabar as tarefas ou mesmo em jogos, ser o/a melhor e até em alguns casos, mostrando desagrado quando perdiam. Apesar disso, também existia colaboração entre eles, mostrando vontade de ajudar os colegas quando terminavam mais rápido.

Outro aspeto deste grupo era a falta de autonomia. Sempre que se realizavam tarefas como uma simples ficha de trabalho, acabavam por perguntar várias vezes se a resposta estava correta, o que nos leva a concluir que tinham também uma certa dependência da professora. Na elaboração de atividades de expressão plástica, dávamos a oportunidade de cada um usufruir da sua criatividade e imaginação mas mesmo assim, acabavam por perguntar se podiam fazer de certa forma ou utilizar determinada cor, o que mais uma vez revela falta de autonomia.

Em geral, eram alunos/as extremamente sociáveis, meigos/as, dinâmicos/as e interessados/as, sempre com a necessidade de estarem em atividade, caso contrário, começavam em conversas com os colegas, acabando mesmo por destabilizar a gestão e o clima da aula.

5.2. Organização da sala de aula

A sala encontra-se dividida em vários espaços. Um cantinho onde há um ponto de água, uma bancada para apoiar em determinadas atividades e também na higiene dos/as alunos/as, um espaço com diversos armários onde estão guardados e organizados os materiais de cada um/a, uma mesa de apoio e cadeiras, um espaço dedicado à professora, onde esta dispõe de uma secretária, um armário e um computador com impressora. No restante espaço situam-se as mesas e cadeiras para os/as alunos/as. A sala dispõe de dois quadros pretos e três placares de cortiça onde estão afixados alguns trabalhos realizados pelos/as alunos/as (ver apêndice 14).

CAPÍTULO VI

Ao longo de três meses...

6.1. Desenvolvimento das práticas pedagógicas

6.1.1. “Uma viagem à Lapónia”

Com a chegada do mês de dezembro, as crianças começaram a ficar mais inquietas porque era o mês do Natal e com isso a vinda do tão esperado, Pai Natal. Iam contando o que queriam receber fazendo grandes listas de brinquedos, tablets, telemóveis, entre outras coisas.

Com toda esta excitação e porque as férias do Natal estavam a chegar, dia 9 de dezembro entregámos a cada aluno/a um modelo de carta para escreverem o que queriam que o Pai Natal trouxesse e para que a pudessem enviar. Uma vez que já havíamos trabalhado de que forma escrever uma carta, todos/as se mostraram interessados/as e felizes por saberem escrever a sua carta sozinhos/as. À medida que cada um/a ia terminando de escrever a sua carta, entregávamos um envelope para colocarem a carta, e a decoração ficava ao critério de cada um.

Uma vez que ainda não tínhamos tratado com eles/as o formato do envelope, assim como onde colocar o destinatário e o remetente e de que forma fazê-lo, aproveitámos esta oportunidade para o fazer. Confirmámos a morada da escola para que o Pai Natal soubesse para onde mandar as prendas. Colocaram no destino da carta a Lapónia, pois sabiam que era lá que o Pai Natal vivia.

Todos/as comentavam que a Lapónia era tão longe e interrogavam-se como é que as cartas iam chegar lá, pois era uma viagem muito grande. Ninguém sabia muito bem onde ficava a Lapónia, a única coisa que sabiam é que era muito longe de Portugal e que lá fazia muito frio.

Eu e as minhas colegas de estágio já tínhamos preparado previamente esta longa viagem até à Lapónia. Improvisámos um avião construído a partir de cadeiras. Colocámos um grande mapa na parede que tinha sido feito anteriormente e até preparámos alguns petiscos para servir durante a nossa viagem.

Quando os/as alunos/as chegaram à sala tinham uma hospedeira que lhes indicava o seu lugar. Todos/as se sentaram e colocaram os cintos de segurança, enquanto a piloto comunicou aos/às seus/suas passageiros/as que a viagem tinha como destino a Lapónia e que apertassem bem os cintos porque iriam descolar dentro de momentos. Todos/as se mostravam contentes com aquela viagem e havia risos e um burburinho de felicidade na sala (ver apêndice 6).

Depois de iniciarmos o nosso voo, fomos passando por vários países que faziam parte da nossa rota. Quando passávamos por algum país começava a tocar o seu hino e um/a dos/as passageiros/as colocava no mapa a bandeira correspondente. Com isto, as crianças iam aprendendo não só a localização do país, bem como o seu hino e a sua bandeira, com a ajuda de uma guia turística que também fazia parte do voo.

Terminada a nossa viagem, todos/as sabiam já onde se situava a Lapónia e a grande viagem que a carta ia fazer para lá chegar.

No dia 11, como íamos à biblioteca anexa que existe na vila, aproveitámos para deixar as cartas ao Pai Natal no correio.

Olhando para trás penso que foi uma atividade um pouco diferente daquilo que estavam habituados/as e apesar de ter causado algum burburinho na sala de aula, os/as alunos/as gostaram imenso e conseguimos controlar todo aquele entusiasmo que tinham. Acabaram por aprender que existem muitos países e todos distintos uns dos outros, tendo culturas e línguas diferentes. Conseguimos igualmente que comesçassem a ter a noção de onde se localiza cada país e de perceberem o mundo em que vivemos e que nos rodeia.

6.1.2. “Apareceu uma galinha ruiva”

Com a visita do professor orientador à nossa sala por um dia, decidimos realizar com os alunos uma atividade que obedecesse a uma componente mais prática e outra mais teórica.

Tudo aconteceu quando pela manhã, ao entrarem na sala de aula, se depararam com uma galinha ruiva em cima de uma mesa. Por que razão estaria uma galinha na sala de aula? Era um mistério que todos/as se mostravam entusiasmados/as em desvendar!

A certa altura, quando se especulava o que faria ali uma galinha, foi descoberto um ovo perdido na sala que continha no seu interior imensas folhas escritas. Distribuímos uma por cada aluno/a e acabaram por descobrir que era uma banda desenhada. No entanto, ninguém sabia o que era realmente uma banda desenhada, por isso foram descobrir. Algumas crianças começaram por partilhar algumas ideias pois comentavam que já haviam lido histórias assim. Com a nossa ajuda, conseguiram descobrir o que era uma banda desenhada e o que cada balão representa.

Em seguida, procedemos à sua leitura, dando oportunidade a todos/as para lerem, como sempre fizemos ao longo do estágio. Treinaram a entoação e aprenderam a respeitar o que cada balão representava, ou seja, sempre que o balão era de fala baixa tinham de falar baixo, sempre que fosse de fala alta tinham de falar alto e assim sucessivamente...

Como a banda desenhada se referia a uma galinha que fez um bolo, propusemos às crianças também confecionarmos bolos, ao que imediatamente responderam que sim mostrando-se muito entusiasmados/as, pois nunca haviam executado algo do género. Íamos fazer a receita das “delícias mulatas”. A partir daí, apresentámos a receita e todos/as chegaram à conclusão de que precisávamos de vários ingredientes para a poder preparar. Assim, nós estagiárias, tínhamos construído três minimercados na sala e com todos os ingredientes necessários e mais alguns.

Organizámos as crianças em quatro grupos, cada um deles orientado por uma de nós e pela professora cooperante pois sabíamos que seria uma atividade que daria algum murmúrio. Com os grupos organizados, cada um deles criou uma lista de compras com tudo o que era necessário. Foi entregue a cada grupo dinheiro improvisado e um cesto. No minimercado, necessitavam de confirmar se os

alimentos estavam dentro do prazo de validade, tema que já havia sido abordado anteriormente, e qual o preço de cada artigo. No final, realizaram determinados cálculos para saberem qual o valor que tinham a pagar e quanto tinham a receber de troco.

Concluídas as compras e de regresso aos seus lugares, as crianças tiveram de descobrir de todos aqueles alimentos quais eram os de origem animal, os de origem vegetal e os de origem mineral, realizando, em seguida, um pequeno jogo para consolidar os novos conhecimentos.

Logo depois, fomos em conjunto rever todos os passos da receita. Entregámos o material necessário para a sua realização, desde luvas, chapéus de cozinheiro, colheres e outros recipientes. Todos/as tiveram a oportunidade de colocar ingredientes e amassar, para puderem experienciar como era cozinhar (ver apêndice 7).

Com a nossa receita concluída e com todos/as a desejarem comer os bolos, distribuímos por cada criança um papel para puderem escrever a receita e levar para casa, a fim de a poderem realizar com os pais. Nesse momento, foi sugerido por algumas crianças trazerem receitas de casa e construírem um livro de receitas para oferecer aos pais/mães no Natal, o que acabou por se concretizar.

6.1.3. O Projeto desenvolvido com a turma

Durante a nossa permanência na escola, ficámos a saber que existia um blog da escola mas que se encontrava inativo no momento. Partindo daqui, e uma vez que os/as alunos/as da turma se mostravam interessados/as pelas novas tecnologias e tendo em conta que nem todos/as tinham acesso, revelando alguma escassez no seu conhecimento, pensámos que a ideia seria interessante. Atualmente, as Tecnologias de Informação e Comunicação são utilizadas para tudo na vida e tornam-se cada vez mais importantes e úteis até para a gestão da vida pessoal. Assim, pretendíamos familiarizá-los/as com as TIC, bem como sensibilizá-los/as e estimulá-los/as, seguindo a ideia de Chagas (2002), em que este refere que “as TIC permitem a reinterpretação e a readaptação de professores e de alunos, aos mais diversos níveis:

na reorganização da escola, nas aprendizagens, nas práticas pedagógicas, na concretização de muitas tarefas escolares, na criação de redes de conhecimento e de trabalho colaborativo, entre outras coisas” (citado por Canez, 2008, pág. 105).

Noutro ponto de vista, tentámos que este blog ajudasse a fomentar a relação parental ativa na vida escolar dos educandos, permitindo-lhes conhecer o dia-a-dia dos/as seus/suas filhos/as, pois como já foi referido, não existe uma estreita relação entre a escola e a família. Outro aspeto importante era incentivar a comunidade parental a contatar com as TIC, pois estes têm na sua maioria um baixo nível de escolaridade e talvez um pouco de falta de incentivo para conhecerem este pequeno grande mundo das tecnologias. Permitir igualmente que as famílias possam acompanhar mais de perto a vida escolar e todo o trabalho realizado na escola pelos seus educandos e assim proporcionar um acompanhamento mais eficaz dos mesmos.

Com tudo isto, partimos para a sua elaboração. Começámos por perguntar à turma se sabiam o que era um projeto e um blog e através de registos, colocámos as suas respostas (ver apêndice 8). Tendo em conta os seus escassos conhecimentos, como é natural, pedimos para que junto da família e através de pesquisas nos trouxessem mais informação sobre o assunto. Depois de chegarmos a uma conclusão sobre o que era exatamente cada um deles e depois de termos construído em conjunto novas teias para podermos comparar o antes e depois, decidimos em conjunto com os alunos o que iríamos colocar no nosso blog. Através de várias discussões e de votações, escolheram-se as atividades a colocar e as respetivas fotografias que iam sendo tiradas ao longo das aulas. É importante salientar que foram enviados pedidos de autorização aos pais para que pudessem ser colocadas fotografias no blog (ver apêndice 9). Durante a colocação das fotografias de atividades no blog, os/as alunos/as tinham a oportunidade de escrever um texto sobre a atividade ou mesmo tecer comentários. Todos os dias era escolhido por eles/as quais as fotografias que iríamos colocar.

Após a conclusão do blog é que nos demos conta do quão importante e útil foi a sua realização. Recebemos feedbacks positivos da parte dos encarregados de educação o que nos deixou bastante satisfeitas e felizes. Acabámos por conseguir

incluir os pais um pouco mais no dia-a-dia dos seus filhos e pudemos também mostrar e partilhar todo o trabalho desenvolvido por nós ao longo dos três meses de estágio.

6.2. Olhando para trás

Foram três meses repletos de momentos felizes, outros menos felizes, de amizade, carinho, partilha, conhecimento, alegria, choros, risos, abraços, beijinhos...

No começo, senti-me um pouco ansiosa e até com medo de que alguma coisa pudesse correr menos bem, no entanto, iniciei o estágio e senti-me completamente à vontade e bem integrada. O sorriso que todos/as tinham no rosto quando cheguei àquela escola fez-me ter a certeza de que ia ser um estágio único e cheio de experiências e novas aprendizagens.

Na realidade, deveríamos começar por ter três semanas de observação, mas nós começámos a intervir logo na segunda semana, sendo que na primeira, já auxiliávamos a professora cooperante nas atividades realizadas com a turma. A forma como nos pôs à vontade fez-me sentir muito mais confiante para a longa caminhada que tinha pela frente. Não posso deixar de referir o apoio incondicional que recebemos da sua parte, que sempre nos deu a sua opinião, os seus conselhos e mesmo uma palavra amiga quando mais precisámos.

Apesar de ser uma turma interessada, participativa e implicada nas atividades, os primeiros tempos não foram fáceis, uma vez que a revelava comportamentos menos adequados, mas com a criação de regras em conjunto com o grupo houve uma melhoria significativa.

Durante o estágio, o meu objetivo primordial era proporcionar à turma atividades diferentes de todas as que já tivessem concretizado, apostando nas atividades mais práticas com diversos materiais e jogos didáticos, apelando desta forma à sua motivação. Outro objetivo neste estágio profissional, foi sensibilizar e estimular as crianças para as TIC através de pesquisas na internet e apresentações feitas em power point, pois apesar de existirem computadores na escola, muito pouco

eram utilizados. Assim, através de atividades pedagógicas dinâmicas, tentei não só apelar à motivação, como já referi anteriormente, mas também incentivá-los/as para todo o processo de ensino e de aprendizagem.

No geral, todas as atividades desenvolvidas foram benéficas e consegui que os alunos se mostrassem em todos os momentos interessados e dedicados em aprender.

O facto de existir uma criança com NEE na turma e outras duas em processo de referenciação, deu-me a possibilidade de lidar com estes/as alunos/as diretamente, o que foi muito compensador para mim. Acompanhei-os/as e apoiei-os/as sempre que me foi possível. Foi uma alegria para mim ver a evolução que estes/as alunos/as revelaram desde que lá cheguei até ao dia da minha partida.

Com o passar do tempo, estabeleci uma relação próxima com a professora cooperante mas também com as minhas colegas de estágio. Criámos um clima de cooperação entre nós que fez com que conseguíssemos realizar um bom trabalho ao longo do estágio.

Estes três meses fizeram com que aprendesse novas estratégias e metodologias de ensino para a minha futura profissão enquanto professora.

Ganhei amigos/as que nunca vou esquecer e ganhei um sorriso de cada vez que me lembro deles/as. Ficam de certeza três meses intensos e cheios de aprendizagens e muita felicidade. Cada um/a deles/as ensinou-me algo que vou levar comigo para o resto da vida.

PARTE III

Experiências-chave

CAPÍTULO VII

Educação Pré-Escolar

7.1. Multiculturalidade – A diversidade cultural no contexto educativo!

“Anteriormente, todos os alunos teriam de se adaptar a uma escola. Atualmente, a escola é que tem de se adaptar a todos os alunos”

(Carvalho, 1998, citado por Pereira, 2004, pág.20)

O que é a educação multicultural?

A multiculturalidade é um conceito que tem sofrido alterações ao longo das últimas décadas, assim como os seus objetivos e os processos, em função da intensidade de fluxos migratórios, das ideologias e interesses dos governos e de pressões diversas em favor de níveis mais elevados de igualdade de oportunidades (Cardoso, 2005).

O termo educação multicultural é visto por Cardoso (1996), May (1999) e Banks e Banks (2003) como sendo predominantemente usado pelos autores de língua inglesa e pode ser definido, num sentido restrito, como o conjunto de estratégias organizacionais curriculares e pedagógicas ao nível do sistema, de escola e de turma. O objetivo é promover a compreensão e a tolerância entre indivíduos de origens étnicas diversas, através da mudança de perceções e atitudes, com base em programas curriculares que expressem a diversidade de culturas e de estilos de vida (citados por Anabela Pereira, 2004).

Cada vez mais vamos estando perante uma sociedade em mudança, em que a diversidade de culturas se tem acentuado. O nosso país tem vindo a acolher cada vez mais imigrantes de diversos países. Como tal, a educação multicultural introduziu-se no nosso dia-a-dia obrigando a que os/as professores/as e até políticos se preocupassem com esta questão. Podemos dizer que Portugal é cada vez mais uma sociedade multicultural.

Cardoso (1996) considera que a educação multicultural implica outros níveis e atores exteriores ao cenário da sala de aula. Implica um clima de escola favorável à

diversidade. Implica ajustamentos do currículo ao nível dos conteúdos, das estratégias de ensino, das interações entre professores/as e alunos/as, de modo a proporcionar, a todos/as os/as alunos/as, igualdade de oportunidades educativas (citado por Pereira, 2004).

A educação multicultural no contexto educativo

As instituições de ensino refletem hoje uma pequena amostra da nossa sociedade pois têm crianças de muitas etnias, culturas e nacionalidades que trazem desafios excecionais, e por isso é necessário reconhecer a diferença como uma mais-valia e integrá-la no dia-a-dia, com o intuito de contribuir para uma maior qualidade na educação e também para tornar a própria sociedade melhor. Neste sentido, são vistas como “um espaço onde nascem todos os compromissos e onde se jogam quase todos os jogos entre os atores colocados nos diferentes níveis do sistema educativo: compromisso com uma educação que garanta a oportunidade, a mobilidade, a igualdade e a participação democrática; compromisso com o desenvolvimento da solidariedade entre os povos, etnias, classes, sexos e culturas; compromisso com o progresso tecnológico e a modernização necessária a uma economia competitiva; compromisso direto com as famílias, no sentido da inserção social e profissional e com a sociedade que espera que a escola lhe forneça trabalhadores bem treinados, possuidores das competências e das atitudes exigidos para que se mantenha ou torne uma sociedade competitiva à escala mundial” (Fontoura, 2005, pág. 36).

Também vistas como um local de socialização, as escolas e jardins-de-infância devem abrir as suas portas a todas as crianças independentemente das suas origens, nacionalidades, religiões, etnias, contribuindo para o seu enriquecimento.

No meu estágio estive perante duas crianças de culturas diferentes da nossa, uma da Guatemala e outra da Polónia. Apesar de se notar o esforço do jardim-de-infância e da educadora em integrar estas crianças da melhor forma, pois “a escola deve dar prioridade à promoção da qualidade das relações interculturais e dos processos de ensino adequados a todos os alunos que não excluam quaisquer deles da plena participação nas atividades de aprendizagem” (Pereira, 2004, pág. 30), uma

delas ainda se sentia fora do seu ambiente natural devido a ter chegado a Portugal há relativamente pouco tempo. Muitas vezes esta criança isolava-se num canto da sala, chorava e mostrava resistência em participar nas atividades de grupo. Contudo, notou-se ao longo do tempo que ela se foi integrando no grupo de forma natural e apesar de não saber falar português, o que representa uma grande barreira para a aproximação aos outros, entrava nas brincadeiras e até tentava explicar o que queria através de gestos e objetos.

Nos princípios gerais das OCEPE (1997) estão assinalados alguns dos objetivos da Educação Pré-Escolar, sendo eles: promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências de vida democrática numa perspetiva de educação para a cidadania; fomentar a inserção das crianças em grupos sociais diversos no respeito pela pluralidade de culturas; incutir comportamentos que favoreçam aprendizagens significativas e diferenciadas; despertar o pensamento crítico; e incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efetiva colaboração com a comunidade.

O jardim-de-infância desempenha um papel fundamental pois é a primeira instituição educativa que as crianças conhecem. Este, deve saber respeitar a diferença, saber acolher, saber promover a autoimagem, a autoestima e a autoconfiança de cada uma das suas crianças, bem como todas as outras instituições educativas. É importante realçar que o JI deve ainda implementar projetos e realizar atividades com as crianças relacionados com este tema, com o objetivo de promover e valorizar as suas identidades, a diversidade das suas culturas e línguas. Assim, fui ao encontro de vários/as educadores/as com o intuito de saber se desenvolvem com as suas crianças algum trabalho neste sentido, sendo também este um tema que revela cada vez mais importância nos nossos dias. Após as entrevistas efetuadas, conclui que todos/as educadores/as com que tive a oportunidade de falar, trabalham este tema com as suas crianças, recorrendo na sua maioria a literatura para a infância (ver apêndice 12). Naturalmente que uns abordam o tema mais que outros, mas acredito que daqui para a frente este tema esteja cada vez mais presente nas instituições escolares.

Pela experiência que passei, tentei sempre valorizar os conhecimentos de todas as crianças, respeitando as suas particularidades. Em relação à criança oriunda da Polónia e que não sabia falar português, procurei falar com ela em inglês sempre que possível e até mesmo ensinar-lhe um pouco de português. No que respeita à educadora, notei um esforço da sua parte em integrar estas duas crianças, como já referi anteriormente, dando-lhes a oportunidade de falar na sua língua em grande grupo, até para as outras crianças perceberem que existem outras línguas e sentirem-se motivadas a aprender, a realizar ilustrações do seu país e da sua família e até mesmo trazerem para o jardim-de-infância livros ou outros objetos da sua cultura.

O/A educador/a deve incentivar as crianças a criar gosto pelo conhecimento e deve desenvolver práticas pedagógicas que as possam sensibilizar para a multiculturalidade e para a reflexão através da observação dos diferentes mundos culturais. Este/a deve igualmente possuir um espírito aberto, não ter preconceitos, saber escutar e respeitar e enquanto cidadão assumir no seu dia-a-dia atitudes que visem a promoção de uma sociedade mais justa e mais humana (Pereira, 2004).

7.2. Trabalho de projeto

Ao longo do meu estágio em Educação Pré-escolar trabalhei segundo a abordagem de projeto, uma vez que todas as atividades que eram desenvolvidas com as crianças faziam parte de algum projeto já existente na sala de atividades. Desfrutei também a oportunidade de desenvolver um projeto com o grupo de crianças com que estagiei. Assim, pude melhor compreender esta pedagogia, tornando-se assim uma experiência-chave para mim.

Parece-me importante começar por refletir sobre o que é realmente um projeto. De acordo com Katz e Chard, “um projeto é um estudo em profundidade de um determinado tópico que uma ou mais crianças levam a cabo” (1997, pág. 3), enquanto que nas palavras de Thinès e Lempereur (1984), projeto “é um método de trabalho que requer a participação de cada membro de um grupo, segundo as suas

capacidades, com o objetivo de realizar um trabalho conjunto, decidido, planificado e organizado de comum acordo” (citados por Castro e Ricardo, 1993, pág. 9).

O trabalho de projeto desenvolve-se em três etapas principais, a identificação e formulação do problema, a pesquisa e produção e a apresentação, globalização e avaliação final (Leite et al., 1989).

Para a realização da primeira etapa do projeto que desenvolvi, aliás já apresentado anteriormente, eu e a minha colega de estágio começámos por realizar algumas conversas informais com as crianças, escutar e observar brincadeiras, para desta forma percebermos o que os interessava e quais eram os seus gostos, tanto a nível de grupo como individual. Assim, conseguimos perceber que as crianças se mostravam interessadas em construir uma loja dentro da sala de atividades, podendo ser elas próprias a construir todos os materiais necessários, incluindo a construção de dinheiro fictício para poderem fazer as suas próprias vendas. Dando seguimento a esta ideia, reunimos todo o grupo para perceber como eles pretendiam que fosse a loja e o que ambicionavam “vender” na mesma. Nesta fase conversámos sobre idas às compras e a que tipos de lojas iam.

A segunda fase do projeto é “caraterizada pelo trabalho de campo, reflexão teórica e produção” (Leite et al., 1989, pág. 76). Neste sentido, foram feitas pesquisas na internet, em livros ou mesmo a partir de brinquedos que tinham em casa, para que soubéssemos como seria construída a própria loja, que materiais iríamos utilizar e qual o aspeto que teria.

Posteriormente, chegado a um acordo com as crianças, passámos à produção. Começámos por construir a estrutura da loja, em que todos/as participaram. Em seguida, foram construídos os materiais selecionados pelo grupo para “vender” na loja, livros, jogos e bijuteria. Nesta etapa, foram criados três grupos e cada criança desfrutou da oportunidade de escolher aquilo que preferia executar, no entanto, passaram praticamente por todos os grupos. Depois de concluída esta parte, efetuámos a montagem da loja. Este foi um trabalho realizado em equipa e atendendo às opiniões das crianças, sendo também da sua responsabilidade decidir onde seriam expostos os materiais para “venda”.

Para apresentarmos o nosso projeto e mostrarmos o trabalho desenvolvido, convidámos os pais das crianças a passarem um bocadinho da sua tarde connosco e poderem assim “comprar” alguns produtos da loja. As crianças mostraram-se muito entusiasmadas com a iniciativa e acabaram por “vender” imensos colares, pulseiras, livros e jogos, fazendo da loja um sucesso.

No que respeita à avaliação, esta foi sendo praticada ao longo de todas as fases do projeto e não apenas no final, através da observação do empenho e interesse das crianças, bem como do seu envolvimento e participação. O facto das crianças brincarem na loja e a frequência com que o faziam também se tornou um elemento de avaliação. Contudo, fomos questionando as crianças sobre o próprio projeto, durante a sua execução, de forma a perceber aquilo que podíamos ir alterando ou acrescentando. As famílias acabaram por se tornar também um elemento essencial, pois deram um feedback positivo, mostrando que foi um trabalho bem desenvolvido.

Com certeza irei trabalhar por projetos enquanto educadora no meu futuro, por isso mesmo pesquisar mais sobre este assunto e saber de que forma o desenvolver era importante. Este método de trabalho oferece imensas vantagens às crianças, uma vez que serve “para praticar competências sociais, tais como a comunicação, o trabalho em equipa, a gestão de conflitos, a tomada de decisões e a avaliação de processos” (Castro & Ricardo, 1993, pág. 9). Também como refere Katz e Chard (1997), o trabalho de projeto “incentiva as crianças a pôr questões, a resolver dificuldades e a aumentar o seu conhecimento de fenómenos significativos que as rodeiam” (pág. 6).

CAPÍTULO VIII

1.º Ciclo do Ensino Básico

8.1. Masturbação infantil... um sinal de alerta?

“Carlos”⁴ é um menino de nove anos que está referenciado com Necessidades Educativas Especiais e que, apesar de frequentar o 2º ano de escolaridade, ainda realiza atividades ao nível do 1º ano. Masturba-se continuamente durante as atividades na sala de aula. A sua professora não sabe que atitude tomar e simplesmente reage como se nada estivesse a acontecer. Para os seus pais este é ainda um assunto tabu e acabam por reagir exatamente como a sua professora.

O que estará por trás deste comportamento?

A ideia de que a sexualidade estava ausente na infância e que apenas se manifestava na adolescência persistiu durante muito tempo, no entanto, a verdade é que a “função sexual existe desde o princípio da vida, logo após o nascimento e não só a partir da puberdade como afirmavam as ideias dominantes” (Puerto, 2009, pág. 158).

Ainda hoje muitos são os que pensam que pessoas com deficiência intelectual são assexuadas, ou seja, que não tem sexualidade, mas na realidade todas as “crianças têm sexualidade como todas as pessoas e serão sempre sexuadas” (Maia & Ribeiro, 2009, pág. 24). Por outro lado, também existe a ideia de que essas pessoas são hiperssexuadas, tendo uma sexualidade exagerada.

O comportamento que esta criança expõe em se masturbar é normal, mas começa a ser uma preocupação quando o faz constantemente. Este foi um assunto que me despertou bastante interesse durante o meu estágio, no entanto, devido à sua curta duração e por não possuir conhecimentos na área para poder perceber o que estava a acontecer com esta criança, decidi investigar sobre o assunto. Desta forma, consegui apurar que muitas vezes, este comportamento pode ser um sinal de alerta se a criança estiver a ser abusada sexualmente, uma vez que “a masturbação compulsiva, geralmente praticada em público, pode ser uma forma de comunicar a

⁴ Nome fictício atribuído ao aluno.

experiência de abuso sexual” (Sanderson, 2005, pág. 226). Contudo, pode não ser esse o caso e tratar-se apenas de uma infeção ou este comportamento ter-se transformado numa obsessão para a criança.

Apesar de tudo, em todos estes casos “é importante distinguir entre masturbação saudável (que convém aceitar sem intervenção) e masturbação não saudável (nesse caso deve-se tentar eliminar ou alterar)” (Sánchez, 2011, pág. 92). Neste caso em particular, a masturbação não é saudável pois não é praticada na intimidade, mas sim em público e pelo fato do Carlos não ter capacidade de autocontrolo, de forma a adiar o comportamento para a altura e sítio adequado.

O que fiz?

A primeira vez com que me deparei com esta situação foi muito constrangedor para mim, achando até aquele comportamento um pouco estranho. Na realidade, estes episódios foram-se repetindo frequentemente e eu precisava de tomar uma atitude até porque aquele comportamento não me deixava confortável enquanto lecionava a aula e também porque não era saudável para a criança estar a praticá-lo na sala de aula, uma vez que nestes casos o mais importante é que percebam que podem fazê-lo mas não em público, pois faz parte da sua intimidade.

Antes de tudo, conversei com a minha professora orientadora que me afirmou que o comportamento do Carlos já tinha acontecido anteriormente mas que não tinha tomado nenhuma atitude. A partir daí, percebi que a professora não se sentia à vontade com a situação e que tinha algum receio em abordar este tema com os pais, até porque a família desta criança é uma família desestruturada, com uma mãe sem escolaridade e um pai com problemas de álcool. Já, como menciona Sánchez (2011), em relação a este assunto, muitos docentes acabam por “considerar que os pais ou familiares, uma vez que são muito conservadores e mais velhos, não vão colaborar para que os seus filhos melhorem a sua qualidade de vida neste campo” (pág. 61).

Perante tudo isto, decidi atuar conforme achasse mais correto. Comecei por dizer ao Carlos “Está na hora de ires à casa de banho. Queres ir?”, sempre que ele

iniciava aquele comportamento, para que começasse a perceber que a sala de aula não era o local indicado. Outra atitude que tomei foi tentar captar a sua atenção com o objetivo de o distrair, dizendo “Carlos, responde-me a esta questão por favor!” ou “Carlos, vem ao quadro escrever a tua resposta!”. Embora tenha tomado estas atitudes o seu comportamento não se alterou, todavia, tentei não deixar passar em branco esta situação que carecia de uma atenção especial, mesmo sem possuir os conhecimentos adequados e mesmo sabendo que aquela poderia não ser a forma mais correta para lidar com a situação.

O que poderia ter feito?

É extremamente importante, sempre que algum/a professor/a, assim como os pais, se deparem com uma situação destas, não reajam com vergonha nem criem nas crianças qualquer tipo de culpabilidade ou temores.

Uma vez que a criança apresenta este comportamento na sala de aula, o/a professor/a deve deixar-lhe claro que se trata de um comportamento que pode praticar com liberdade mas não naquele local e obedecendo a alguns critérios de saúde que devem ser antes impostos, dizendo-lhe por exemplo “vejo que gostas; está bem, podes fazê-lo quando quiseres, mas não na aula, tens de fazê-lo no teu quarto ou onde as pessoas não te vejam” (Sánchez, 2011, pág. 92). Ainda de acordo com o mesmo autor, este afirma que o/a docente “pode fazê-los ver que, assim como as pessoas não vão nuas para a rua, não devem fazer isso em público” (pág. 92).

Se a criança insistir neste comportamento em público, o/a professor/a pode combinar com ela que se desloque à casa de banho uma vez durante a manhã e outra durante a tarde para que o possa fazer na sua intimidade. A intenção neste caso é que a criança aprenda a “estar nos espaços públicos sem se masturbar e que aprenda a adiar o momento da masturbação para quando estiver sozinha em sua casa ou no seu quarto” (Sánchez, 2011, pág. 94). Se regressar à situação pública, o mesmo autor refere que o/a professor/a deve dizer-lhe “Agora não, já o fizeste, acabaste de o fazer, agora não, aqui não podes fazê-lo”. Outra forma de impedir a situação é distraí-lo

com atividades, ocupar-lhe a mão com que se masturba ou mesmo tirá-lo da sala de aula sempre que o tenta fazer.

Os pais desempenham também um papel muito importante e devem igualmente tentar mudar esta situação tal como o/a professor/a. O pai ou a mãe podem seguir o seu exemplo sempre que o/a filho/a tiver este comportamento em público, dizendo-lhe “não vês ninguém a fazer isso em público à frente de outras pessoas” (Puerto, 2009, pág.180). Neste caso em concreto, a família não apoia a criança e portanto nunca conseguirá ajudar que o seu filho mude este comportamento.

Em todo o caso, se a criança persistir neste procedimento, deve ser encaminhado para um profissional da área, um psicólogo ou ser levado mesmo a uma unidade de saúde para que se possa diagnosticar com mais profundidade as razões deste comportamento compulsivo.

8.2. Manter a disciplina na sala de aula... um desafio do professor!

“ A disciplina escolar consiste num conjunto de regras que devem ser seguidas tanto pelos professores como pelos alunos para que a aprendizagem se transforme num êxito ”

(Tiba, 2005, pág. 122)

As crianças começam a revelar cada vez mais cedo atitudes e comportamentos incorretos seja para com o/a professor/a ou para com os colegas. Estrela (1992) refere que “a indisciplina constitui hoje, juntamente com o insucesso escolar, o problema mais grave que a escola hoje enfrenta”. Desta forma, a indisciplina deve ser um ponto trabalhado desde a primeira aula para que os/as alunos/as fiquem a perceber quais são as regras da sala de aula, pois estas fazem parte do nosso dia-a-dia e do resto da nossa vida. Em todos os sítios que frequentamos, seja no nosso trabalho, na nossa casa, em bibliotecas, em locais

religiosos, em inúmeros lugares que nos rodeiam, todos eles exigem regras que devemos cumprir enquanto cidadãos.

É frequente explicar as razões da indisciplina na sala de aula por fatores que a tomam como um sintoma de patologia individual, familiar ou social, mais do que como um fenómeno de resposta a situações que a provocam no decorrer da aula (Amado, 1991, pág. 133).

De acordo com Cardoso (2013), “uma boa gestão da turma minimizará os problemas de indisciplina” (pág. 203). A aplicação de regras dentro de uma sala de aula é essencial, cabendo ao professor arranjar estratégias para lidar com a indisciplina. Segundo Domingues (1995), a “definição de um ato como indisciplinado depende da situação social concreta, do estado psicológico do professor, das suas implicações para a autoridade do professor, da visibilidade social do ato ou dos seus efeitos para aquele (...)” (pág.14).

Um possível sistema para manter a disciplina dentro da sala de aula é aquele que é composto por três passos: regras, consequências e recompensa (Cardoso, 2013, pág. 203). As regras devem ser claras e bem definidas para que os/as alunos/as saibam quais são os limites. Quando um/a aluno/a infringe uma regra, deverá ser punido/a da forma previamente estabelecida e o mesmo deverá ser executado a todos/as os/as outros/as que infringam alguma regra. Os/as alunos/as deveram também possuir conhecimento da recompensa que receberão no caso de mostrarem um comportamento adequado.

De acordo com o Centro de Educação Integral (2012), citado por Cardoso (2013), ensinar a disciplina passa pelos seguintes pontos: ser coerente, ou seja, os professores que estabelecem regras devem ser os primeiros a cumpri-las; ser consistente, uma vez que as regras não podem ser alteradas só porque é da vontade do professor; cumprir o que se promete, tanto nos benefícios do bom comportamento como para a infração de regras; princípio da reparação da situação, em que o aluno é aconselhado a reparar a situação, como no caso de sujar, limpar e por último explicar é sempre importante, esclarecendo a razão de ser das regras.

O que observei na turma de 2º e 3º ano:

Ao iniciar a prática de estágio em 1.º ciclo do ensino básico, comecei a observar alguns comportamentos menos corretos por parte dos/as alunos/as, dentro da sala de aula. Levantavam-se sempre que queriam sem pedir autorização, não ponham o dedo no ar para começar a falar, não esperavam pela sua vez, sentavam-se de forma incorreta, o barulho era constante durante a aula, as idas constantes à casa de banho, etc. Estes são alguns dos comportamentos negativos que apresentavam. Desta forma, era realmente impossível manter uma boa gestão da aula e sobretudo, um ambiente propício para que tal acontecesse.

A professora titular não estabeleceu regras desde o início do ano letivo, no entanto procurava manter o silêncio e a ordem dentro da sala de aula, sendo quase impossível conseguir este objetivo pois a turma não a respeitava e faziam com que a professora passasse maior parte do seu dia a falar alto, mandando-os/as calar, sentar corretamente e a chamar a atenção para outros comportamentos incorretos.

O facto de ser uma turma mista e ainda um aluno com NEE que precisa do apoio quase constante da professora, exige que se estejam a realizar a maior parte das vezes, três atividades diferentes com uma única pessoa a orientar. Perante este cenário, torna-se verdadeiramente complicado manter o silêncio na sala, sendo que muitas vezes os/as alunos/as de uma turma necessitam de estar à espera que a professora termine de explicar uma determinada matéria ou atividade ao outro ano de escolaridade, para lhes dar atenção. O mesmo acontece com o aluno que precisa do acompanhamento da professora para realizar as suas tarefas e que acaba por ter de esperar imenso tempo para beneficiar um pouco da sua atenção. Assim, torna-se muito fácil que a turma não consiga manter a concentração, pois com os tempos de espera ou com atividades que não as cativem, os/as alunos/as não conseguem permanecer quietos/as e sem conversar; como diz Freinet (1970), “só há desordem quando há falha na organização do trabalho, quando a criança não está ocupada numa atividade que responde aos seus desejos e às suas possibilidades” (citado por Estrela, 1992, pág. 21).

Estratégias para manter a disciplina na sala de aula:

Perante a situação acima descrita, em conjunto com as minhas colegas de estágio, decidimos que a nossa primeira intervenção se ia basear na construção de algumas regras de comportamento para a sala de aula.

Começámos a aula por falar com as crianças sobre o que pensavam do seu comportamento, o que deviam melhorar e o que achavam que podíamos fazer, tanto nós como eles, para que as aulas corressem melhor dali para a frente.

Depois desta conversa entre o grupo, oferecemos uma tartaruga à turma, à qual lhe deram o nome de “Pipoca”. Explicámos que a tartaruga, para viver num bom ambiente, precisava que não houvesse muito barulho nem muita confusão dentro da sala e por isso seria necessário mudarem o seu comportamento. Para além disso, teriam de tratar da sua higiene e alimentação, para que desta forma desenvolvessem o sentido de responsabilidade.

Como já tínhamos uma tartaruga na sala, construímos uma grande tartaruga para colocar num placard da sala onde estariam expostas as novas regras da sala de aula. Essas regras foram decididas em conjunto com a turma para que todos/as estivessem de acordo e para que percebessem que podiam tirar benefícios dali, sem ser algo imposto. Como refere Nelsen (2002), para uma disciplina positiva é necessário decidir “as regras em conjunto, para benefício de ambos. Também decidiremos juntos as soluções que serão úteis para todas as partes envolvidas quando surgirem problemas”. No total, foram criadas seis regras. Deviam pedir autorização para se levantar, respeitar os colegas e os/as professores/as, colocar o dedo no ar para falar, sentar na cadeira correctamente, estar em silêncio para trabalhar e escutar os colegas e professora.

Com as regras já decididas e expostas, colocámos na sala de aula um sistema de recompensa. Construímos uma cartolina em que estavam afixados os nomes de todos/as os/as alunos/as da turma e num saco colocámos inúmeras mini tartarugas de papel. O objetivo era que cumprissem todas as regras durante o dia. Cada aluno/a que, no final do dia tivesse cumprido todas as regras estabelecidas pelo grupo,

ganhava uma mini tartaruga, que colocava à frente do seu nome na cartolina. Quando algum/a aluno/a chegasse a ganhar dez tartarugas, retirava um presente de uma caixa surpresa, existente na sala (ver apêndice 13).

Verificámos ao longo do tempo que este sistema de recompensa estava a dar resultados. O facto de não ganharem uma mini tartaruga ao final do dia deixava-os tristes e no dia seguinte, tentavam respeitar as regras para que o mesmo não se sucedesse.

Apesar de tudo, percebemos que algumas crianças, mesmo com o sistema de recompensa, não respeitavam as regras. Assim, decidimos aplicar um novo sistema para a turma, desta vez um sistema de pontos.

Quando chegavam de manhã à sala de aula, tinham 5 pontos ao lado do seu nome, ou seja, todos iniciavam o dia com 5 pontos, pontuação máxima. Ao longo do dia, ao quebrarem regras, iam perdendo pontos. Quem terminasse o dia com três pontos não recebia uma mini tartaruga e não realizava a “atividade divertida”, nome que davam a atividades práticas como jogos didáticos, caso houvesse nesse dia.

Este sistema revelou-se mais eficaz, pois os/as alunos/as tinham uma perceção direta, sendo penalizados no momento. O ponto era imediatamente retirado se apresentassem um comportamento menos adequado, não sendo uma consequência que surgisse a longo prazo.

CAPÍTULO IX

Experiência-chave transversal à Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico

9.1. A relação família-escola: Uma união fundamental!

Nos dias de hoje, é impensável dissociarmos a escola da família, pois é mais que evidente que uma influencia a outra na educação das crianças. A escola é um complemento da família e é um meio de transmissão de valores da sociedade e um forte agente de formação dos/as seus/suas alunos/as; assim como diz Diez (1989), a “(...) família e escola têm, na educação da criança, um lugar de encontro, de ação e de relação coordenadas” e que “a ação educativa dos pais e da escola pode ser coincidente ou complementar (...)” (pág. 10).

A família deve acompanhar a criança em todos os momentos, desde que entra no jardim-de-infância, na escola de 1.º Ciclo do Ensino Básico e daí por diante, no entanto, à medida que “os filhos vão crescendo, essa relação de proximidade com os professores vai desaparecendo, não por culpa direta dos pais, mas porque a organização da escola está estruturada de maneira que os encarregados de educação possuam interlocutores específicos, como os diretores de turma” (Wong, 2013, pág. 49). Este autor diz-nos que “acompanhar o percurso educativo e escolar dos/as filhos/as/educandos é um dever que todos os progenitores e encarregados de educação sabem ser seu, pois possibilita à criança usufruir de um dos seus direitos mais importantes: ser educada” (pág. 7). Neste sentido, posso refletir que na minha experiência em pré-escolar, a família era um elemento fundamental e muito valorizado pela instituição. Todos os pais se mostravam interessados e motivados em participar na vida escolar dos seus educandos, participando em todas as festas realizadas no JI, fazendo várias intervenções no dia-a-dia através da leitura de histórias, ou mesmo partilhando conhecimentos pessoais e da sua área profissional. Diariamente, os pais questionavam a educadora como correria o dia do/a seu/sua filho/a e partilhavam também situações e mesmo preocupações que achassem importantes serem do conhecimento da mesma, formando assim um contato mais direto entre os dois (educadora-pai/mãe).

Na verdade, presenciamos atualmente uma época em que o interesse pela participação das famílias na escola é cada vez maior, talvez pelo facto de se começar a entender que esta relação de mutualidade é fundamental para o desenvolvimento da

criança. Todavia, ainda existem muitos pais que desvalorizam esta relação que “é vital para a educação dos filhos” (Diez, 1989).

Enquanto que no meu estágio em educação pré-escolar esta era uma relação bastante vincada, como já referi anteriormente, no meu estágio em 1.º CEB, as famílias não mostravam interesse em conhecer e acompanhar o percurso dos seus educandos, salvo raras exceções. Durante esses três meses, nunca presenciei a visita de um encarregado de educação nem mesmo quando era solicitada a sua participação, por exemplo, para realizar pesquisas ou partilhar conhecimentos com o/a seu/sua filho/a. Pude comprovar tal desinteresse através de comentários dos/as alunos/as, tais como, “A minha mãe e o meu pai estavam no computador e disseram que não me podiam ajudar” ou “A minha mãe disse que não sabia nada desse assunto”. Outras foram as situações em que notei a falta de interesse, desde cadernetas com recados por assinar há um mês, mochilas com comida já estragada e livros da escola que deveriam já ter sido entregues há mais de três meses. Na época do Natal, foi pedido pela escola, aos pais, que realizassem um presépio com os seus educandos, usando a criatividade e promovendo a reciclagem. O presépio que fosse considerado o mais criativo e mais apelativo seria o vencedor e iria para exposição para a sede do agrupamento. Uma das crianças trouxe um presépio comprado devido aos pais não terem disponibilidade, justificação dada pela criança. Esta situação só demonstra mais uma vez o desinteresse dos pais, para além da criança ter comentado que o seu não era tão bonito quanto os dos colegas. É importante referir que houve crianças que nem trouxeram presépio. Estas situações não aconteciam com o grupo de crianças com que estagiei no pré-escolar, antes pelo contrário, sempre que era pedido para fazer alguma pesquisa ou recolha de informação em casa, as crianças traziam material no dia seguinte. Muitas vezes, até traziam materiais elaborados juntamente com os pais em casa, por livre e espontânea vontade.

Nestas circunstâncias, muitas vezes pais e professores/as/ ou educadores/as, acabam por comunicar através do/a aluno/a/criança mesmo sem darem conta. Existem estudos que nos dizem que “quando os filhos são mais pequenos, em idade pré-escolar, aos olhos da escola, os pais parecem mais atentos e mais preocupados. Mas, à medida que as crianças vão crescendo, os pais passam a aparecer menos.

Muitos, os professores podem não os conhecer durante um ano completo, o que não deve acontecer” (Wong, 2013, pág. 51). Esta é a realidade por que passei, sendo que no pré-escolar havia muito mais interesse e preocupação em acompanhar os/as filhos/as do que no 1.º CEB, em que não havia nenhum tipo de participação por parte dos pais.

De que forma promovi a participação dos pais?

No jardim-de-infância em que estagiei já existia uma grande participação da parte dos pais, e portanto tornou-se mais fácil dar continuidade a esta relação pais-escola. Ao longo de todo o estágio, foram inúmeras as situações em que solicitei que as crianças realizassem pesquisas em casa, junto com os pais ou outros familiares, para que desta forma tivessem oportunidade de acompanhar mais de perto o desenvolvimento dos/as seus/suas filhos/as e para que pudessem igualmente estar a par de todos os conteúdos que iam sendo trabalhados no dia-a-dia, para assim poderem dar um apoio mais eficaz.

Mostrei-me sempre disponível para a eventualidade de algum encarregado de educação querer partilhar ou discutir algum assunto.

Na reta final do estágio, eu e a minha colega, realizámos uma exposição com os trabalhos desenvolvidos pelas crianças durante a nossa estadia na instituição, com o objetivo de partilhar o trabalho desenvolvido e de dar a oportunidade aos pais de ficarem a conhecê-lo e poderem partilhar connosco, assim como nós com eles, feedback sobre os mesmos.

No que respeita ao estágio em 1.º CEB, não consegui estabelecer uma relação tão próxima pois já não existia anteriormente com a escola e professores/as, o que se tornou um desafio para mim. No entanto, apesar dos esforços concebidos ao longo do tempo, não consegui que as famílias das crianças participassem e se mostrassem mais interessadas pelo percurso escolar dos seus educandos.

Tentei durante todo o tempo envolver os pais, pedindo às crianças que pesquisassem em casa sobre temas que estivessem a ser trabalhados na escola, que fizessem recolha de materiais para a realização de diversas tarefas. Contudo, eram poucas as crianças que conseguiam o apoio da família, justificando-se com a falta de tempo ou por não terem o que era pedido.

Procurei que o blog criado com a turma fortalecesse esta relação tão importante, mas apenas um encarregado de educação se mostrou interessado, comentando algumas atividades postadas no mesmo. Era nossa intenção, convocar os pais para uma reunião com o intuito de mostrar e explicar o nosso projeto do blog, partilhando assim algum tempo com estes. Porém, tal ideia não se chegou a concretizar porque a escola não nos apoiou, uma vez que não via razão para os pais se deslocarem à escola para ficarem a par de um projeto.

PARTE IV

Vamos investigar...

CAPÍTULO X

**Investigação realizada no âmbito da Educação
Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico**

O presente capítulo diz respeito à análise de um estudo elaborado no decorrer dos dois estágios realizados em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

O tema deste estudo bem como o seu principal objetivo foi perceber quais as conceções que as/os crianças/alunos têm acerca do jardim-de-infância/escola, dando assim voz às crianças e alunos/as. Segundo o artigo n.º13 da Convenção sobre os Direitos da Criança (1989), a criança tem o direito de expressar os seus pontos de vista e as suas ideias.

O estudo encontra-se dividido em três categorias sendo que, cada uma delas diz respeito a uma questão colocada às crianças e alunos/as.

10.1. Objetivos gerais da investigação

Esta investigação teve como objetivo principal analisar a perspetiva das crianças em relação ao jardim-de-infância. O mesmo foi realizado para o 1.º ciclo do ensino básico, investigando a ideia que os/as alunos/as têm sobre a escola.

Este foi um tema que nos suscitou muito interesse pois é importante percebermos quais as ideias que as crianças têm sobre o jardim-de-infância e sobre a escola e perceber igualmente a importância que estas dão às mesmas, uma vez que, como afirma Formosinho, a criança “é possuidora de uma voz própria, que deverá ser seriamente tida em conta” (2008, pág. 16).

Tentámos igualmente compreender as conceções das crianças acerca do papel dos/as adultos/as nas instituições escolares.

10.2. Caracterização da população

A população é composta pelo grupo de crianças da educação pré-escolar e alunos/as do 1.º ciclo do ensino básico, com que realizámos o nosso estágio.

Em relação às crianças do jardim-de-infância, apenas duas delas não obtiveram autorização para a realização da entrevista, fazendo um total de onze crianças, cinco do sexo masculino e seis do sexo feminino, com idades compreendidas entre os quatro e os seis anos de idade. Na vertente do 1.º CEB, os dezassete alunos/as que constituíam a turma realizaram as entrevistas, sendo nove do sexo masculino e oito do sexo feminino, cujas idades se situavam entre os sete e os nove anos.

Assim, podemos concluir que a nossa população ficou constituída por vinte e oito crianças no total, considerando os dois grupos que fazem parte da educação pré-escolar e do 1.º ciclo do ensino básico.

10.3. Metodologia

A metodologia adotada nesta investigação foi de cariz qualitativo pois os dados recolhidos são em forma de palavras e imagens.

Toda a recolha de informação obtida para a elaboração desta investigação foi feita através de entrevistas presenciais, que foram semiestruturadas, permitindo assim uma interação direta, neste caso com a criança, e estabelecendo mais facilmente um diálogo entre o entrevistado e o entrevistador.

Segundo Bogdan e Biklen, a entrevista é utilizada para “recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo” (1994, pág. 134).

O tipo de entrevistas que utilizámos é definido por Pourtois e Desmet (1988) como sendo como uma entrevista não diretiva, em que se pretende que o entrevistado se expresse livremente. Para que tal situação aconteça, o entrevistador deve começar por colocar questões abertas, que permitam a espontaneidade do entrevistado, e só numa fase final a questões fechadas (citados por Lessard-Hébert et al, 2008).

10.4. Procedimentos

As entrevistas foram realizadas com grupos de duas ou três crianças sendo que estas se sentiam mais à vontade e mais confiantes para criar um diálogo e até mesmo completar ideias do colega e assim ajudando-se umas às outras. Estas foram realizadas sob a orientação das duas estagiárias durante a componente educativa, aproveitando algum tempo do seu dia-a-dia, uma vez que tinham mais facilidade de estarem em particular com as crianças sem que fosse necessário alterar as suas rotinas.

Antes de dar início às entrevistas, os/as entrevistados/as foram informados/as dos objetivos do estudo e no que consistia pois, como remete Bogdan e Biklen, “ no início da entrevista, tenta-se informar com brevidade o sujeito do objetivo e garantir-lhe que aquilo que será dito na entrevista será tratado confidencialmente” (1994, pág.134).

A recolha foi feita através da gravação das entrevistas, que posteriormente foram transcritas por nós, sendo que através de um suporte escrito torna-se mais fácil a sua compreensão e a sua análise, bem como a recolha de conclusões necessárias para o desenrolar da investigação.

Para finalizar solicitámos a cada criança que fizesse um desenho sobre o jardim-de-infância, de modo a complementar a entrevista e para que esta pudesse através do desenho exprimir as suas emoções e revelar como ela interpreta o que está à sua volta. Este procedimento foi apenas realizado no estágio em educação pré-escolar, pelo facto dos/as alunos/as do 1.º CEB já se conseguirem exprimir e construir um diálogo com mais facilidade.

10.5. Apresentação e análise dos dados

Esta etapa à qual deve ser dada grande relevância pois, segundo Miles e Huberman (1984) nesta fase é elaborada “a estruturação de um conjunto de informações que vai permitir tirar conclusões e tomar decisões” (citados por Lessard-

Hébert et al, 2008, pág. 118). Sendo assim, a apresentação dos dados é tão importante quanto todas as outras etapas do estudo.

A apresentação dos dados qualitativos é determinante na posterior análise dos mesmos e a sua organização permite ao investigador: representar os dados num espaço visual reduzido, comparar diferentes conjuntos de dados e planificar outras análises (Lessard-Hébert et al, 2008).

Nos quadros seguintes, será apresentada a distribuição de resultados por categorias⁵ e por nível de ensino⁶.

⁵ Cada uma delas, corresponde a uma questão colocada às/aos crianças/alunos

⁶ Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico

Categoria A - Razão pela qual frequentam a/o escola/jardim-de-infância**Quadro 1: 1.º Ciclo do Ensino Básico**

1.º Ciclo do Ensino Básico		
Categoria	Subcategoria	Respostas
Razão pela qual frequentam a escola	Aquisição de conhecimentos	<p>“Para aprender”</p> <p>“Para aprendermos coisas”</p> <p>“Para aprender mais”</p> <p>“Para aprender a ler, a escrever, os números e as contas”</p> <p>“Para aprender a fazer coisas com os nossos pais e ajudá-los”</p> <p>“Para aprender a fazer as atividades com vocês”</p> <p>“Para aprender e ficar mais inteligente”</p> <p>“Para fazer os trabalhos”</p> <p>“Para estudarmos”</p>

No quadro 3 pretende-se analisar a razão pela qual os alunos frequentam a escola, sendo esta a categoria. Como subcategoria, temos a aquisição de conhecimentos e todas as respostas dadas pelos alunos inserem-se na mesma, uma vez que todos eles afirmam ir à escola para aprender, para fazer trabalhos, estudar e até para ficar mais inteligente como respondeu um dos alunos.

Ao analisar este quadro, podemos concluir que todos os alunos vêm a escola como um local apenas de ensino e não de socialização, para fazer amigos e até mesmo brincar.

Quadro 2: Educação Pré-Escolar

Educação Pré-Escolar		
Categoria	Subcategorias	Respostas
Razão pela qual frequentam o Jardim-de-Infância	Aquisição de conhecimentos	“Para fazer coisas para depois ir para a escola primária” “Para aprender” “Para aprender a ler” “Para aprender coisas” “Para fazermos trabalhos, fazermos coisas e trabalharmos muito para a festa do fim de ano”
	Obrigaçao	“Porque os papás é que querem”

No quadro 4 temos como categoria a “razão pela qual frequentam o jardim-de-infância”. As subcategorias dividem-se em duas, o aprender, onde as crianças responderam que frequentam o jardim-de-infância porque tem de aprender e para fazerem trabalhos e, a obrigação, onde uma criança respondeu que ia à escola apenas porque os pais assim querem, o que nos leva a crer que esta criança não vê razão para frequentar o JI.

Podemos concluir que no geral, as crianças têm a ideia de que frequentam o jardim-de-infância simplesmente para aprenderem, ideia que também predomina no quadro anterior.

Categoria B – Atividades favoritas na escola/jardim-de-infância.**Quadro 3: 1.º Ciclo do Ensino Básico**

1.º Ciclo do Ensino Básico		
Categoria	Subcategorias	Respostas
Atividades favoritas na escola	Brincar	“Brincar no recreio” “Brincar com os amigos e andar na lama” “Brincar às motas” “Jogar à bola e à tropa” “Brincar e dançar” “Jogar à guerra e fazer bolos de areia”
	Estudar	“Estudar” “Mais ou menos estudar” “Ir para a biblioteca”

A categoria apresentada no quadro acima apresentado são as atividades preferidas dos alunos na escola. São apresentadas duas subcategorias, sendo elas o brincar e o estudar, sendo que as respostas dos alunos se dividem por estas duas.

Após a sua análise, conseguimos perceber que na sua maioria a atividade preferida na escola é o brincar, com uma pequena minoria sendo o estudar.

Quadro 4: Educação Pré-Escolar

Educação Pré-Escolar		
Categoria	Subcategorias	Respostas
Atividades favoritas no Jardim-de-Infância	Brincar	“Brincar no quintal” “Brincar e cantar” “Jogar”
	Trabalhar	“Desenhar” “Aprender coisas e trabalhar” “Fazer experiências” “Fazermos projetos” “Atividades e pintar”

No quadro acima representado a categoria exposta é “atividades favoritas das crianças no jardim de infância” e subdivide-se em duas subcategorias, o brincar e o trabalhar.

Ao olharmos para o mesmo, notamos que existe um maior número de crianças a responder que a sua atividade favorita é trabalhar, contrastando com o pequeno número de crianças que preferem brincar. Assim, podemos concluir que a atividade favorita, no geral, é trabalhar.

Categoria C – Quem toma as decisões na/no escola/jardim-de-infância**Quadro 5: 1.º Ciclo do Ensino Básico**

1.º Ciclo do Ensino Básico		
Categoria	Subcategorias	Respostas
Quem toma as decisões na escola	Auxiliares	“As auxiliares” “A D. Albertina e a Teresa”
	Diretora	“A diretora do agrupamento” “A professora Leonilde”
	Professora	“As professoras”

O quadro representado tem como finalidade perceber qual a opinião dos alunos em relação a quem toma as decisões na escola, sendo que as respostas dos mesmos recaem sobre as professoras, as auxiliares e a diretora. Podemos assim constatar que os alunos vêem a figura adulta como sendo quem toma as decisões, no entanto, a professora é que menos aparece referida.

Quadro 6: Educação Pré-Escolar

Educação Pré-Escolar		
Categoria	Subcategorias	Respostas
Quem toma as decisões no jardim-de-infância	Auxiliares	“A Nanda”
	Diretor	“O diretor Nuno”
	Educadora	“A Odete”

No quadro 8 apresenta como categoria principal “quem toma as decisões no jardim-de-infância” e como subcategorias, o diretor, a educadora e as auxiliares. A partir daqui, podemos afirmar que as crianças vêem nesses três elementos a figura de quem tem as decisões. Podemos observar também no quadro que as respostas estão muito díspares, dividindo-se pelas três subcategorias.

10.6. Refletindo...

Com a realização deste estudo, remetido para os dois níveis de ensino, tive a oportunidade de compreender algumas das ideias que as crianças possuem em relação à escola e ao jardim-de-infância. Contudo, são duas realidades distintas e com diferentes graus de exigência mas que não fazem com que haja grande dispersão entre as respostas.

Como referi anteriormente, apesar de serem dois níveis diferentes, em ambos as crianças afirmam ir à escola para aprender e para fazerem trabalhos, sendo que nenhuma respondeu que ia à escola ou ao jardim-de-infância para brincar. Apenas uma criança deu uma resposta diferente, dizendo que frequentava o jardim de infância simplesmente porque os pais querem. Assim, posso concluir que as crianças no geral, vêem a escola como sendo um local de ensino e sendo esse o seu único fim.

Fazendo agora referência à categoria B, em que foi questionado qual as atividades favoritas na escola e no jardim-de-infância, na sua maioria as respostas recaíram sobre o brincar no 1.º CEB, enquanto que no JI a maioria das respostas é o trabalhar, facto este interessante pois faz-nos refletir que as crianças no JI gostam mais de trabalhar talvez por terem mais tempo disponível para brincar e não sendo uma atividade limitada, enquanto que no 1.º CEB, as crianças tem horários estipulados, passando a maior parte do seu tempo a realizar tarefas escolares e apenas podem brincar nos intervalos, daí a sua atividade preferida ser o brincar.

Em relação à questão “quem toma as decisões na/no escola/jardim-de-infância”, as respostas não diferem do pré-escolar para o 1.º ciclo do ensino básico, uma vez que as crianças vêem na figura adulta, as auxiliares, a educadora/professora e o/a diretor/a, a pessoa quem toma as decisões e a quem devem obedecer.

Apesar das dificuldades que senti em realizar este estudo, penso ser oportuno e muito interessante perceber que ideia as crianças têm da escola e quais as suas opiniões sobre a mesma, coisa que muitas vezes nos esquecemos, que é ouvir a criança e saber aquilo que pensa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste relatório final fez-me voltar atrás e reviver todos os momentos passados nos dois estágios profissionais, deixando-me alguma saudade de todos/as os/as que estiveram ao meu lado, não só das crianças mas também de todos/as os/as adultos/as que contribuíram de alguma forma para o meu crescimento profissional e pessoal. Todos esses momentos vividos, positivos ou negativos, contribuíram para a minha construção enquanto futura educadora/professora e permitiram-me refletir sobre o caminho ainda a percorrer, nos dois níveis de educação.

Todo este percurso feito por mim, proporcionou-me a oportunidade de experienciar conhecimentos obtidos ao longo do percurso académico e de certa forma ter uma noção daquela que vai ser a minha profissão o resto da minha vida. Só quando experienciamos as coisas na prática é que ficamos a conhecer realmente aquele mundo, neste caso o mundo da educação, e por isso foram tão importantes e sobretudo marcantes, para mim, estes dois estágios, mas também pelo facto de me terem permitido aumentar e adequar a minha perspetiva perante o que envolve cada realidade.

Os dois contextos em que estagiei tinham características muito distintas, como a organização do espaço educativo, as rotinas, os materiais didáticos utilizados, os objetivos, as faixas etárias, entre outras. Apesar de tudo, foi muito gratificante perceber a dinâmica destes dois níveis de ensino e perceber qual a postura que devemos ter em cada um deles.

Nem sempre foi fácil ultrapassar as dificuldades que iam surgindo ao longo do caminho, mas através da partilha de saberes, de dúvidas e mesmo de medos e receios, foram-me ajudando e motivando para seguir em frente sempre de “cabeça erguida”. A ajuda das minhas colegas de estágio e da educadora/professora cooperante foi também um instrumento essencial para o meu desempenho no decorrer dos estágios. Senti que fui crescendo à medida que o tempo ia passando, as minhas atitudes e os meus comportamentos foram-se modificando e ajustando em relação ao que ia aprendendo. A minha postura de início de estágio era completamente diferente daquela que apresentava no fim do mesmo, o que indica

que houve uma evolução, mostrando muito mais confiança e à vontade com as crianças e alunos/as.

Um dos meus grandes objetivos ao longo dos estágios foi ouvir as crianças, ter em conta os seus interesses e os seus gostos para a partir daí lhes poder proporcionar experiências e aprendizagens significativas e sobretudo que as motivasse. Neste sentido, penso que consegui desenvolver sempre atividades atraentes e que iam ao encontro das suas necessidades. Outro objetivo meu, e não menos importante, foi respeitar os tempos de cada criança, as suas formas de se exprimir, na sua singularidade.

O facto de ter estado perante crianças com NEE também me fez crescer e de certa forma preparar-me para a possibilidade de estar em contato com esse tipo de crianças mais tarde. Todo o tempo que lhes dediquei e todo o apoio que lhes dei foi motivo de orgulho para mim, vendo no final a sua evolução.

No geral criei um laço muito forte com as crianças que fizeram parte destas minhas duas experiências, ao partilhar momentos excecionais com elas. Todos os dias havia felicidade, alegria e partilhávamos carinhos. O método de trabalho criado, as atividades interessantes que realizávamos fizeram também com que a nossa ligação ficasse cada vez mais sólida e por isso as despedidas foram momentos tão difíceis.

Todo este trabalho realizado ajudou-me a desenvolver a minha capacidade de auto-reflexão e ajudou-me, através das experiências-chave, a aperfeiçoar os meus conhecimentos em relação aos temas tratados. No entanto, a minha vontade de pesquisar, de investigar sobre determinados assuntos não fica por aqui, pelo contrário, despertou-me a vontade de saber ainda mais e tornar-me uma profissional mais competente.

Este não é um fim mas sim um começo daquela que vai ser a minha vida profissional e do longo caminho que tenho para percorrer, tendo nas minhas mãos a responsabilidade de semear e fazer crescer algo de bom em cada criança que se

cruzar no meu caminho. Transformá-los em melhores pessoas e melhores cidadãos, construindo um futuro e um país melhor para todos nós.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arends, R. (1995). *Aprender a Ensinar*. McGraw-Hill: Lisboa.

Barbosa, M. e Horn, M. (2008). *Projectos pedagógicos na educação infantil*. Artmed: Porto Alegre.

Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto Editora: Porto.

Cardoso, C. M. (2005). *Educação Multicultural: Percursos para práticas reflexivas*. Texto Editores: Lisboa.

Cardoso, J. R. (2013). *O professor do futuro*. Editora Guerra & Paz.

Castro, L. B. e Ricardo, M. M. C. (1993). *Gerir o trabalho de projeto: Um manual para professores e formadores*. (2ª edição). Texto Editora: Lisboa.

Diez, J. J. (1989). *Família-Escola: Uma relação vital*. Porto Editora: Porto.

Domingues, I. (1995). *Controlo disciplinar na escola: Processos e práticas*. Texto Editora: Lisboa.

Edwards C., Gandini L. e Forman G. (1999). *As cem linguagens da criança*. Porto Alegre.

Estrela, M. T. (1992). *Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula*. Porto Editora: Porto.

Fonseca A., Silva A., Guimarães A. M., Novo C., Rocha D., Pagarete M. J., Cardona, M. J. (coord.) e Marques R. (coord.). (2008). *Aprender e ensinar no jardim de infância e na escola*. Edições Cosmos.

Fontoura, M. (2005). *Uns e outros: Da educação multicultural à construção da cidadania*. Educa Organizações: Lisboa.

Formosinho J., Katz L., McClellan D. e Lino D. (1996). *A educação pré-escolar - A construção social da moralidade*. Texto Editora: Lisboa.

Formosinho, J. O. (2008). *A Escola Vista pelas Crianças*. Porto Editora: Porto.

Formosinho J. O., Formosinho J., Lino, D. e Niza, S. (2013). *Modelos Curriculares para a educação de infância: Construindo uma práxis de participação*. (4ª edição). Porto Editora: Porto.

Katz, L. e Chard, S. (1997). *A abordagem de projeto na educação de infância*. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa.

Leite E., Malpique M., e Santos, M. R. (1989). *Trabalho de projeto: Aprender por projetos centrados em problemas*. Edições Afrontamento: Porto.

Lessard-Hébert, M., Goyette, G., & Boutin, G. (2008). *Investigação Qualitativa Fundamentos e Práticas*. Instituto Piaget: Lisboa.

Maia, A. C. B. e Ribeiro, P. R. M. (2009). *Orientação Sexual e Síndrome de Down: Esclarecimentos para educadores*. Faculdade de Ciências: Bauru.

Marchão, A. J. G. (2012). *No jardim de infância e na escola do 1º ciclo do ensino básico: Gerir o currículo e criar oportunidades para construir o pensamento crítico*. Edições Colibri: Lisboa.

Mesquita, E. (2013). *Competências do Professor: Representações sobre a formação e a profissão*. Edições Sílabo: Lisboa.

Nelsen, J. (2002). *Disciplina positiva: Prevenção, avaliação e tratamento na infância*. McGraw-Hill: Lisboa.

Pereira, A. (2004). *Educação Multicultural: Teorias e Práticas*. Edições ASA: Lisboa.

Puerto, C. (2009). *Educação Sexual e a escola*. ID Books: Lisboa.

Rolla, A. e Rolla, J. (1994). *O projeto educativo em educação de infância*. Edições ASA.

Sánchez, F. L. (2011). *Guía para el desarrollo de la afectividad y de la sexualidad de las personas con discapacidad intelectual*. Gerencia de Servicios Sociales, Consejería de Familia y Asuntos Sociales. Junta de Castilla y León.

Sanderson, C. (2005). *Abuso sexual em crianças*. M. Books. São Paulo.

Silva, I. (1997). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Ministério da Educação/ Núcleo de Educação Pré-Escolar: Lisboa.

Simões, A. (2004). O educador como prático reflexivo... e a construção da sua identidade profissional. *Cadernos de educação de infância*. Edição da Associação de Profissionais da Educação de Infância: Lisboa.

Spodek, B. e Saracho, O. (1998). *Ensinando crianças de três a oito anos*. Artmed:Porto Alegre.

Tiba, I. (2005). *Disciplina, limite na medida certa*. Pergaminho: Lisboa.

Wong, B. (2013). *O meu filho fez o quê???: Guia de relacionamento dos pais com a escola*. Porto Editora: Porto.

Legislação:

Decreto-Lei nº 3/2008, de 7 de janeiro. Diário da República, nº 4 - I Série. Ministério da Educação: Lisboa.

Decreto-Lei nº 240/2001, de 30 de agosto. Diário da República, nº 201 – I Série A. Ministério da Educação: Lisboa.

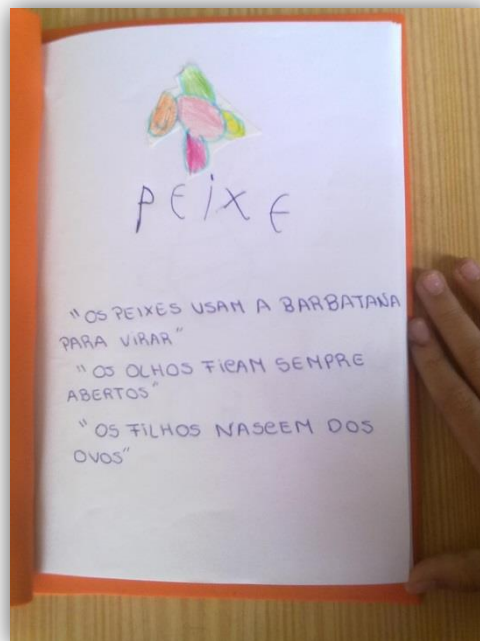
Decreto-Lei nº 241/2001, de 30 de agosto. Diário da República, nº 201 – I Série A. Ministério da Educação: Lisboa.

APÊNDICES

Apêndice 1 – Elaboração da atividade “Livro sobre animais”

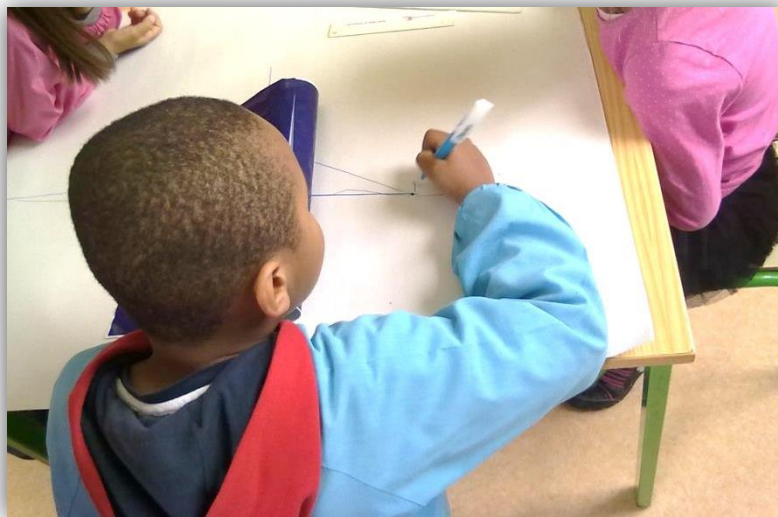


Pesquisa em livros sobre animais

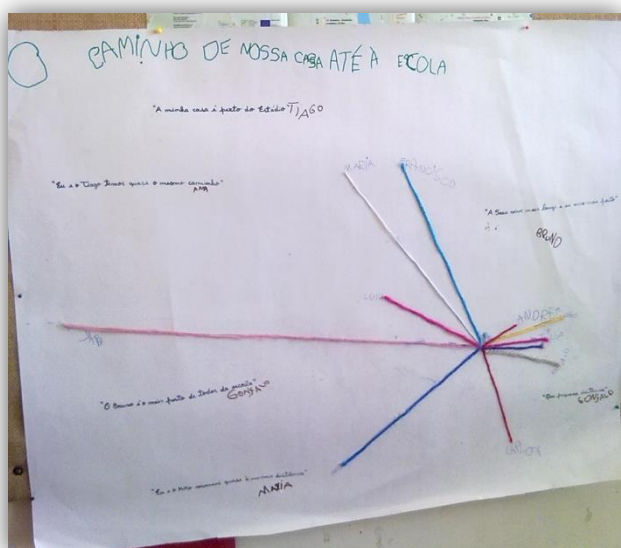


Livro elaborado por uma criança

Apêndice 2 – Atividade “O caminho de nossa casa até à escola”



Criança a marcar a distância da escola até sua casa

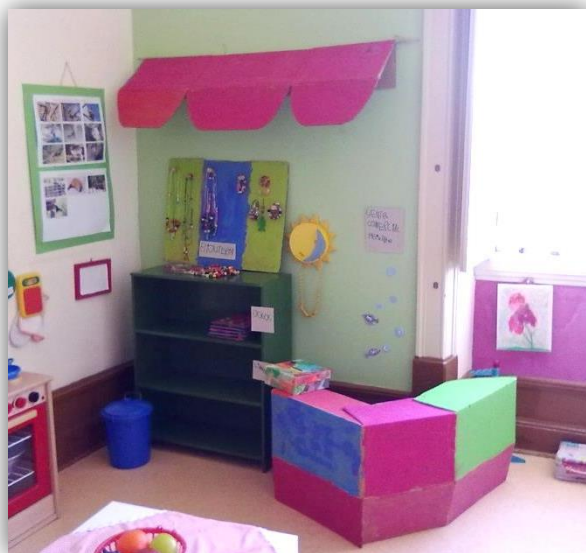


Cartaz final da atividade



Criança a escrever o título da atividade no cartaz

Apêndice 3 – Projeto “Centro Comercial Peixinhos”



“Centro Comercial Peixinhos” concluído



Criança a recortar moedas de papel



Livro elaborado por uma criança

Apêndice 4 – Planta da sala de atividades do Pré-escolar



Apêndice 5 – Distribuição dos estudantes pelas escolas do agrupamento

Nível de escolaridade	Número de alunos
Pré-escolar	222
1º Ano	163
2º Ano	159
3º Ano	184
4º Ano	175
5º Ano	55
6º Ano	70
7º Ano	88
8º Ano	66
9º Ano	69
10º Ano	110
11º Ano	74
12º Ano	113
Cursos	22

Apêndice 6 – Atividade “Uma viagem até à Polónia”



Criança sentadas no “avião” e a dar palpites de qual o país em que se encontravam



Criança a identificar um país no mapa



Criança a identificar a Lapónia no mapa



Crianças a colocarem as cartas para o Pai Natal na caixa de correio

Apêndice 7 – Atividade “Apareceu uma Galinha Ruiva!”



Galinha Ruiva



Mini mercado na sala de aula

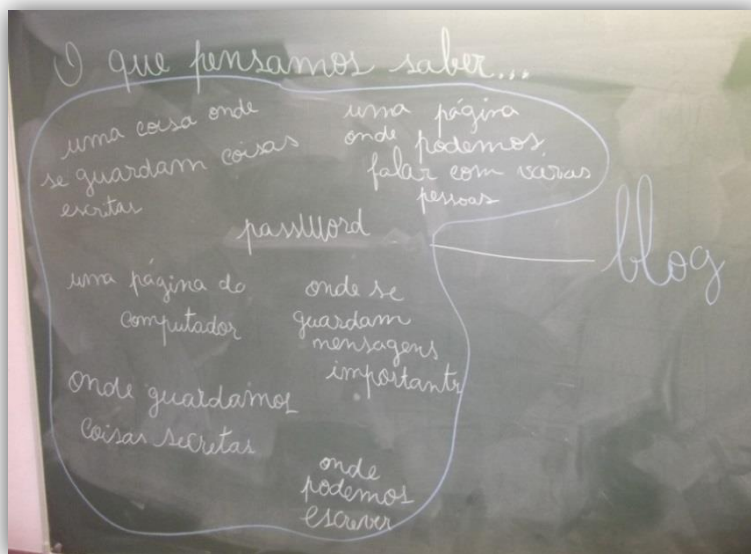


Crianças a colocarem os ingredientes no recipiente

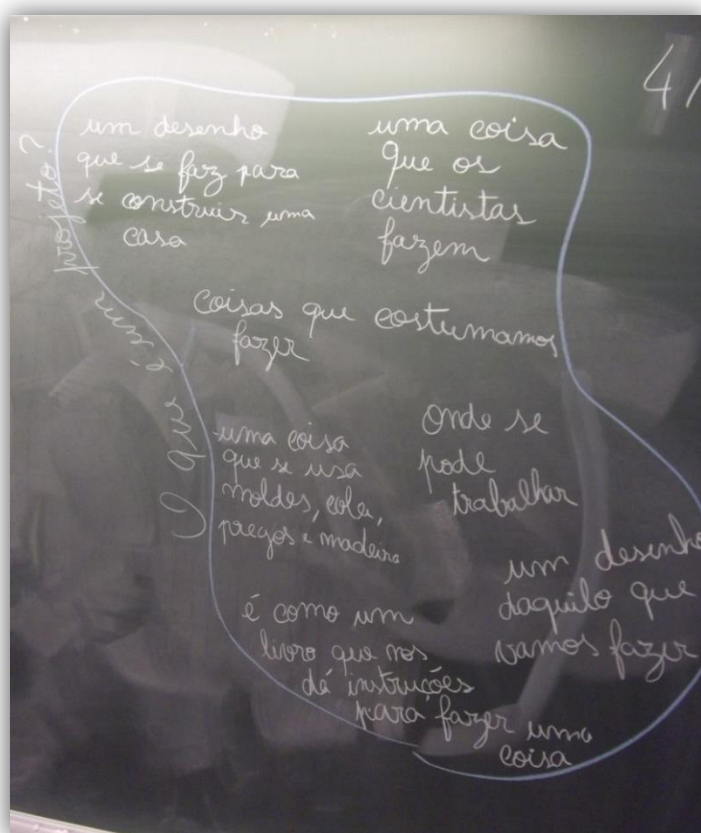


Criança a amassar

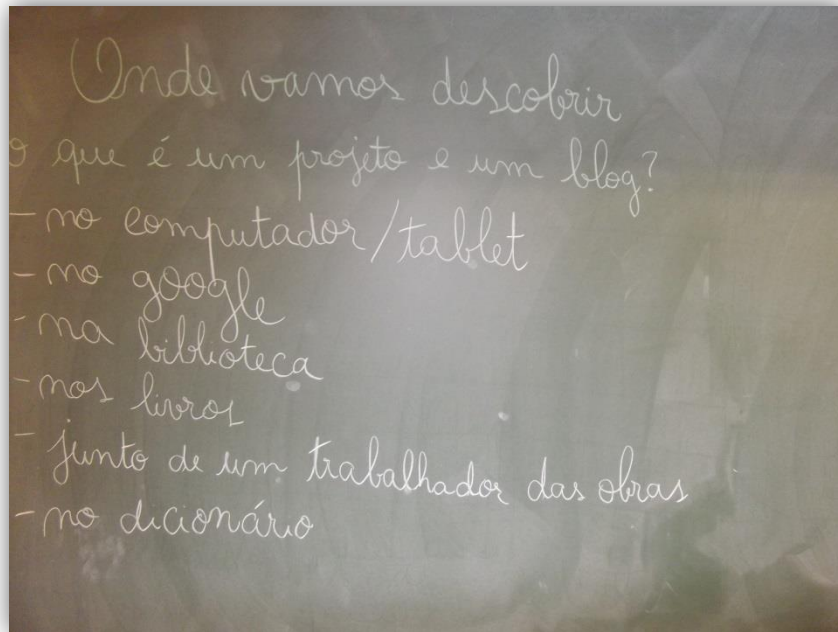
Apêndice 8 – Projeto desenvolvido com a turma de 2º e 3º ano



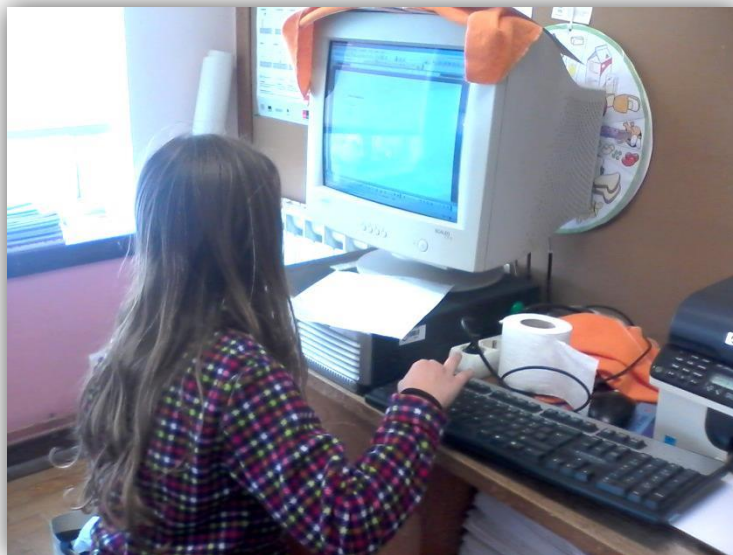
Registo do que as crianças pensavam ser um blog



Registo do que as crianças pensavam ser um projeto



Registo de sugestões dadas pelas crianças para fazer pesquisa



Criança a escrever no computador

Apêndice 9 – Autorizações remetidas aos encarregados de educação

De: Estagiárias

Data: 09-05-2014

Para: Encarregado de Educação

Mensagem:

Durante o nosso estágio temos de implementar um projeto com os vossos filhos. O nosso projeto será a criação de um blog (página) na internet onde pretendemos dar-vos a conhecer o trabalho que temos feito com os vossos filhos, através de pequenas descrições de algumas atividades acompanhadas de algumas fotografias.

Caso necessitem de mais algum esclarecimento podem encontrar-nos na escola de 2ª a 4ª das 9:00 às 16:00.

Para a divulgação das fotografias dos vossos educandos precisamos de autorização, por isso segue abaixo o pedido:

- ☐ Autorizo a divulgação das fotografias
- ☐ Não autorizo a divulgação das fotografias

As Estagiárias:

Tomei conhecimento em: ____/____/____

Apêndice 10 – Estruturação diária temporal da instituição

Horário	Atividade
8.00h	Abertura da instituição com atividades livres (espaço comum)
9.30h	<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento - Planificação com as crianças - Atividades em projetos - Reunião de grande grupo
11.45h	Higiene
12.00h	Almoço
12.45h	<ul style="list-style-type: none"> - Sesta (3 e 4 anos) - Atividades livres (5 anos)
14.30h	<ul style="list-style-type: none"> - Atividades em projetos - Reunião de grande grupo
15.50h	Higiene
16.00h	Lanche
16.30h	<ul style="list-style-type: none"> - Atividades propostas pelas crianças - Atividades livres em espaços comuns - Atividades extra-curriculares
18.30h	Encerramento da instituição

Apêndice 11 – Estruturação diária temporal da escola

Horário					
Horas	Segunda feira	Terça feira	Quarta feira	Quinta feira	Sexta feira
9.00h – 10.00h	Português (biblioteca)	Matemática	Português	Matemática	Português
10.00h – 10.30h	Atendimento Enc. Ed. TE	Intervalo	Intervalo	Intervalo	Intervalo
10.30h – 11.00h	Estudo do Meio	Português	Matemática	Português	Português
11.00h – 12.00h	Expressões	Português	Matemática	Português	Português
12.30h – 14.00h	Almoço				
14.00h – 15.00h	Matemática	Projeto	Estudo do Meio	Português	Estudo do Meio
15.00h – 15.30h	Matemática	Expressões	Apoio ao Estudo	Expressões	Expressões
15.30h – 16.00h	Matemática	Expressões	Apoio ao Estudo	Expressões	Apoio ao Estudo

Apêndice 12 – Entrevistas

Tema: “Multiculturalidade – Diversidade cultural no contexto educativo”

Aborda o tema com o seu grupo?

Sim, mas de forma muito superficial.

Aborda o tema? Deque forma?

O tema é trabalhado ao longo do ano, visto que, existem na sala três crianças de cor, duas delas naturais do Brasil, então sempre que as outras crianças questionam algo à cerca da sua cultura ou da sua origem, retorno ao tema.

As crianças de outras culturas são bem aceites pelo grupo?

Sim, muito bem.

Coimbra, 2013

Tema: “Multiculturalidade – Diversidade cultural no contexto educativo”

Aborda o tema com o seu grupo?

Sim, este tema é abordado com o grupo ao longo do ano letivo em diferentes momentos. Muitas vezes surge de forma livre e espontânea ao longo do dia, sendo o primeiro interveniente a educadora e/ou a criança. Outras vezes, o tema surge como foco da atividade planificada. Cada vez mais urge esta iniciativa pois temos na escola crianças oriundas de outros países com culturas, línguas e costumes diferentes. Estou a falar do Brasil e da China.

Aborda o tema? De que forma?

Sim, o tema é trabalhado ao longo do ano sendo algumas vezes o foco principal da atividade planificada. O mesmo, tem a finalidade de fomentar e construir um encontro de culturas e de saberes partilhados pelo respeito.

Alguns momentos planificados segundo o tema Multiculturalismo (material de apoio):

Início do ano letivo - História: Uma Escola de Power Point “Todas as Cores”.

São Martinho - História e Power Point: “A Maria Castanha”.

Dia de Amigos/Amigas - História "Helmer".

Dia da Criança – “Direitos das Crianças” (são elaborados cartazes de grupo e trabalhos individuais com registo e suporte dos mesmos).

As crianças de outras culturas são bem aceites pelo grupo?

Sim, verifica-se entre ambas as partes atitudes de respeito, convivência, partilha e amizade.

Açores, 2013

Tema: “Multiculturalidade – Diversidade cultural no contexto educativo”

Aborda o tema com o seu grupo?

Sim, sempre. Desde o início da minha formação como educadora de infância foi-me sempre transmitida a importância do referido tema. Todos os anos letivos que lecionei, no estágio, ensino público e na I.P.S.S. onde exerço atualmente funções, remeto sempre várias atividades educativas para a temática. De acordo com o Plano Anual de Atividades, ou o Projeto de sala ou mesmo simples Projetos.

A multiculturalidade é uma temática que entusiasma os grupos do jardim de infância, a diversidade cultural e toda a sua importância na sociedade é uma mais valia no processo de educação e deve ser explorada com crianças desde a sua mais tenra idade.

Trabalha o tema? De que forma?

Abordo o tema através de livros, como exemplos “O Elmer”, “Os Ovos Misteriosos”, “A menina branca e o rapaz preto”, “Meninos de todas as cores”, entre muitos outros que existem muito apelativos e que nos remetem à exploração da temática.

A diversidade cultural/multiculturalidade também foi explorada na época de Carnaval, onde todas as crianças foram vestidas de acordo com um país/cultura.

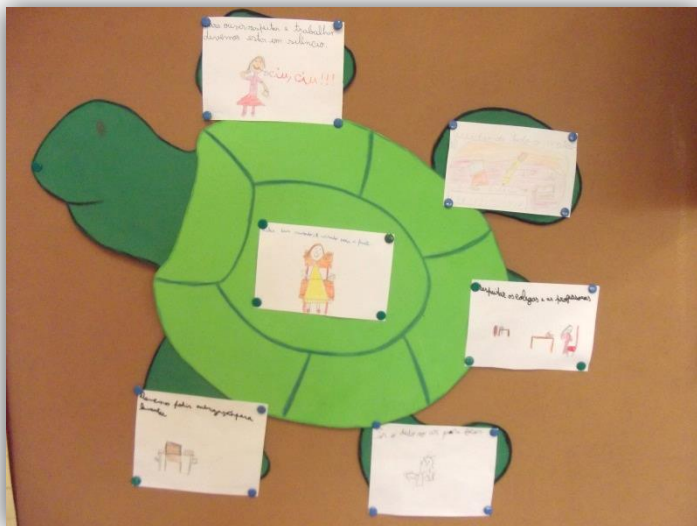
Em projetos de sala quando existe ou não alguma criança com características peculiares de diferentes zonas e que se distinguem de imediato das do restante grupo. Ou caso não exista muita diferença, elabora-se cartazes com imagens que retratem as diferentes culturas.

As crianças de outras culturas são bem aceites pelo grupo?

Sim, normalmente são bem recebidas. Este ano letivo em particular temos no grupo uma criança chinesa, que interage bem com os restantes elementos do grupo, participa em todas as atividades e é bem recebida também nas brincadeiras com os colegas.

Açores, 2013

Apêndice 13 – Regras na sala de aula de 1.ºCEB



Tartaruga com as regras da sala de aula



Caixa surpresa

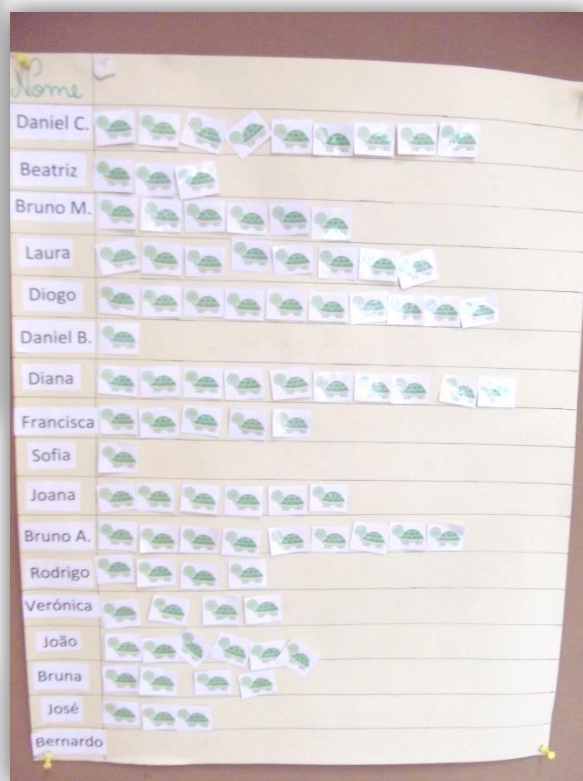
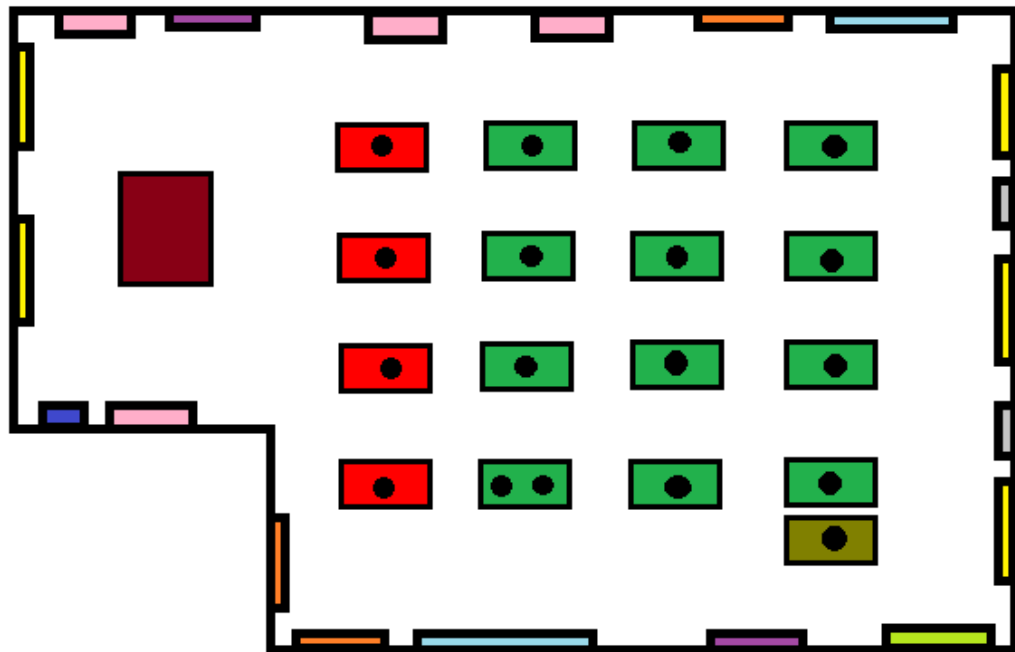














Tabela de incentivos

Apêndice 14 – Planta da sala de aula do 1.º CEB



Legenda:

-  Janelas
-  Mesas dos/ as alunos/ as do 3º ano
-  Placares de cortiça
-  Mesa da professora
-  Portas
-  Armários
-  Quadros
-  Aquecedores
-  Lavatório
-  Mesa de apoio
-  Mesa do computador e impressora
-  Mesas dos/ as alunos/ as do 2º ano

Apêndice 15 – Planificações Educação Pré-Escolar

Planificação

“Construção de colares e pulseiras”

<i>Competências</i>	<i>Recursos</i>	<i>Conteúdos</i>	<i>Estratégias</i>	<i>Metodologias</i>	<i>Avaliação</i>	<i>Breve descrição da atividade</i>
Ser capaz de: - Realizar padrões e sequências com as missangas;	Materiais: - Fios diversos; - Missangas diversas; - Tesoura. Humanos: Educadora Estagiárias	- Expressão e comunicação/Domínio da expressão plástica: - Motricidade fina; - Diversidade e acessibilidade dos materiais.	Demonstração de alguns colares e pulseiras.	As crianças vão ser organizadas em dois grupos, cada um na sua mesa, orientado por uma estagiária. Cada mesa deverá ter fio e missangas para todas as crianças.	É feita através de: Observação da capacidade de cada criança criar padrões e sequências;	Depois de organizado o grupo, é dado a cada criança um fio por elas escolhido e missangas diversas para que possam dar asas à sua imaginação e criatividade.

*Planificação***“Construção de moedas em papel”**

<i>Competências</i>	<i>Recursos</i>	<i>Conteúdos</i>	<i>Estratégias</i>	<i>Metodologias</i>	<i>Avaliação</i>	<i>Breve descrição da atividade</i>
Ser capaz de: - Reconhecer e distinguir as diferentes moedas, bem como o seu valor;	Materiais : - Folhas brancas; - Lápis de carvão; - Moedas reais; - Tesouras. Humanos: - Educadora; - Estagiárias.	Formação Pessoal e Social: - Educação para a cidadania. Expressão e comunicação/Do mínimo da expressão plástica: - Decalque; - Recorte.	Observação e exploração de moedas reais.	As crianças vão ser organizadas em dois grupos, cada um na sua mesa, orientado por uma estagiária.	É feita através de: Observação por parte das estagiárias; Reconhecimento das moedas que reproduziram.	Elaboração de moedas em papel, em que são fornecidos às crianças pedaços de papel branco e um lápis de carvão para que possam fazer o decalque. Estarão algumas moedas à disposição das crianças para que possam ter a liberdade de escolher quais as que querem reproduzir no papel. Posteriormente cada criança recorta as moedas por si feitas.

*Planificação***“Qual a distância de minha casa à Escola?”**

<i>Competências</i>	<i>Recursos</i>	<i>Conteúdos</i>	<i>Estratégias</i>	<i>Metodologias</i>	<i>Avaliação</i>	<i>Breve descrição da actividade</i>
Ser capaz de: - Consultar um mapa; - Calcular distâncias (mais perto, mais longe);	Materiais: - Folhas de papel químico; - Canetas de feltro e lápis; - Cola; - Lã; - Papel de cenário; - Mapa da cidade de Coimbra; - Réguas de três tamanhos diferentes. Humanos: - Educadora; - Estagiárias	Área de conhecimento do mundo: - Geografia; - Registos; - Saberes sociais; - Materiais e recursos; - Observação;	- Colaboração dos pais; - Pesquisa em mapas.	As crianças sentam-se todas numa mesa, com o mapa no meio. Uma a uma traça no mapa a distância da escola até sua casa através de uma linha recta. As crianças vão sendo apoiadas pelas estagiárias e educadora.	É feita através de: - Registos; - Conversa com as crianças no final.	Cada criança deverá saber o nome da sua rua. Através de um mapa, cada uma traça uma linha de sua casa até à escola. No final em discussão com as crianças concluíss e quem vive mais perto e mais longe da escola.


















Apêndice 16 – Planificações 1.º CEB

Dia 28 de outubro de 2013					
Áreas Curriculares	Conteúdos de Aprendizagem	Metas / Objetivos Específicos	Estratégias / Atividades	Recursos	Avaliação
Formação para a cidadania	2º Ano: - Compreensão oral; - Expressão oral; - Leitura; - Escrita; - Conhecimento explícito da língua;	2º Ano: - Articulação, acento, entoação, pausa; - Entoação e ritmo - Leitura em voz alta - Escrita - Sílabas - Flexão nominal, adjectival - Nome – próprio, comum (colectivo) Adjectivo Verbo - Sinónimos, antónimos; - Comparação e ordenação de números até 100; - Números naturais; - Números pares e número ímpares;	- Diálogo sobre regras na sala de aula e realização de uma tartaruga com as mesmas; - Conversa no sentido de acordar com os alunos quais as regras da sala de aula e quais as punições ou os benefícios a que podem levar os seus cumprimentos ou incumprimentos; - Leitura e interpretação da história “A Lebre e a Tartaruga”;	- Tartaruga; - Cartolinas; - Tartarugas em papel; - Caixa de surpresas; - História em PowerPoint; - Letras de abecedário; - Folhas; - Cordel; - Molas; - Fichas.	É feita através de: - Audição da leitura; - Questões dirigidas a cada criança sobre o texto; - Audição das respostas dadas pelas crianças às questões do jogo.
Língua Portuguesa	- Números e Operações; - Geometria e Medida; - Organização e Tratamento de Dados;	- Nome – próprio, comum (colectivo) Adjectivo Verbo - Sinónimos, antónimos; - Comparação e ordenação de números até 100; - Números naturais; - Números pares e número ímpares;	- Realização de um jogo, com o intuito de abordar a gramática relacionada com a história anterior;		
Matemática	3º Ano: - Compreensão oral; - Expressão oral; - Leitura; - Escrita; - Conhecimento	- Comparação e ordenação de números; - Cálculo mental; - Adições; - Subtrações; - Problemas;	- Realização de uma		

	explícito da língua; -Números e Operações; - Geometria e Medida; - Organização e Tratamento de Dados; - Dinheiro.	- Padrões.	ficha de matemática.		
		3º Ano: -Articulação, acento, entoação, pausa; - Escrita; - Sílabas, monossílabo, dissílabo, trissílabo, polissílabo - Sílabas tónicas - Palavras agudas, graves, esdrúxulas -Flexão nominal, adjectival -Nome - Adjectivo -Verbo - Sinónimos, antónimos - Numerais ordinais; - Números naturais; - Leitura por classes e por ordens e decomposição decimal de números até um milhão; - Algoritmos da adição; - Algoritmo da subtracção; - Algoritmo da multiplicação; - Adição e subtracção de quantias de dinheiro.			

25 de novembro de 2013					
<i>Áreas Curriculares</i>	<i>Conteúdos de aprendizagem</i>	<i>Metas / Objectivos Específicos</i>	<i>Estratégias / Actividades</i>	<i>Recursos</i>	<i>Avaliação</i>
Língua Portuguesa	<ul style="list-style-type: none"> - Compreensão oral - Expressão oral - Leitura 	<ul style="list-style-type: none"> - Articulação e acentuação - Entoação e ritmo - Leitura em voz alta - Responder a questões acerca do que ouviu 	<ul style="list-style-type: none"> - Leitura da banda desenhada “A Galinha Ruiva - Diálogo com os alunos acerca da história - Exploração da banda desenhada 	Recursos humanos: <ul style="list-style-type: none"> - Estagiárias e alunos Recursos físicos: <ul style="list-style-type: none"> - Sala de aula 	<ul style="list-style-type: none"> - Observação direta - Observação do trabalho em grupo - Audição da leitura - Questões dirigidas a cada criança sobre a história - Observação do envolvimento de cada criança nas diversas atividades - Composição feita posteriormente pelas crianças sobre o decorrer do dia
Estudo do Meio	<ul style="list-style-type: none"> - Origem dos alimentos e prazos de validade - Conhecer costumes e tradições de outros povos 	<ul style="list-style-type: none"> - Participar em atividades de expressão orientada respeitando regras e papéis específicos 	<ul style="list-style-type: none"> - Abordagem à origem dos alimentos e ao seu prazo de validade. - Dar a conhecer diversos tipos de gastronomia 	Recursos materiais: <ul style="list-style-type: none"> - Galinha e ovos - Banda desenhada - Fichas - Cartolinas - Alimentos diversos - Dinheiro fictício - Cestos - Papel - Lápis e canetas - Luvas - Chapéus de cozinheiro - Taças e colheres - Formas; - Projetor e computador 	
Matemática;	<ul style="list-style-type: none"> - Operações de soma - Gráficos de pontos 	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender o essencial dos textos escutados e lidos - Trabalho em grupo - Identificar prazos dentro e fora de validade - Reconhecer a gastronomia de algumas regiões do país - Efetuar operações 	<ul style="list-style-type: none"> - Realizar a operação de soma para obter a quantidade de dinheiro que vão gastar nas “compras” - Após a realização da receita, é elaborado um gráfico de pontos ao qual é necessário responder a algumas questões 		

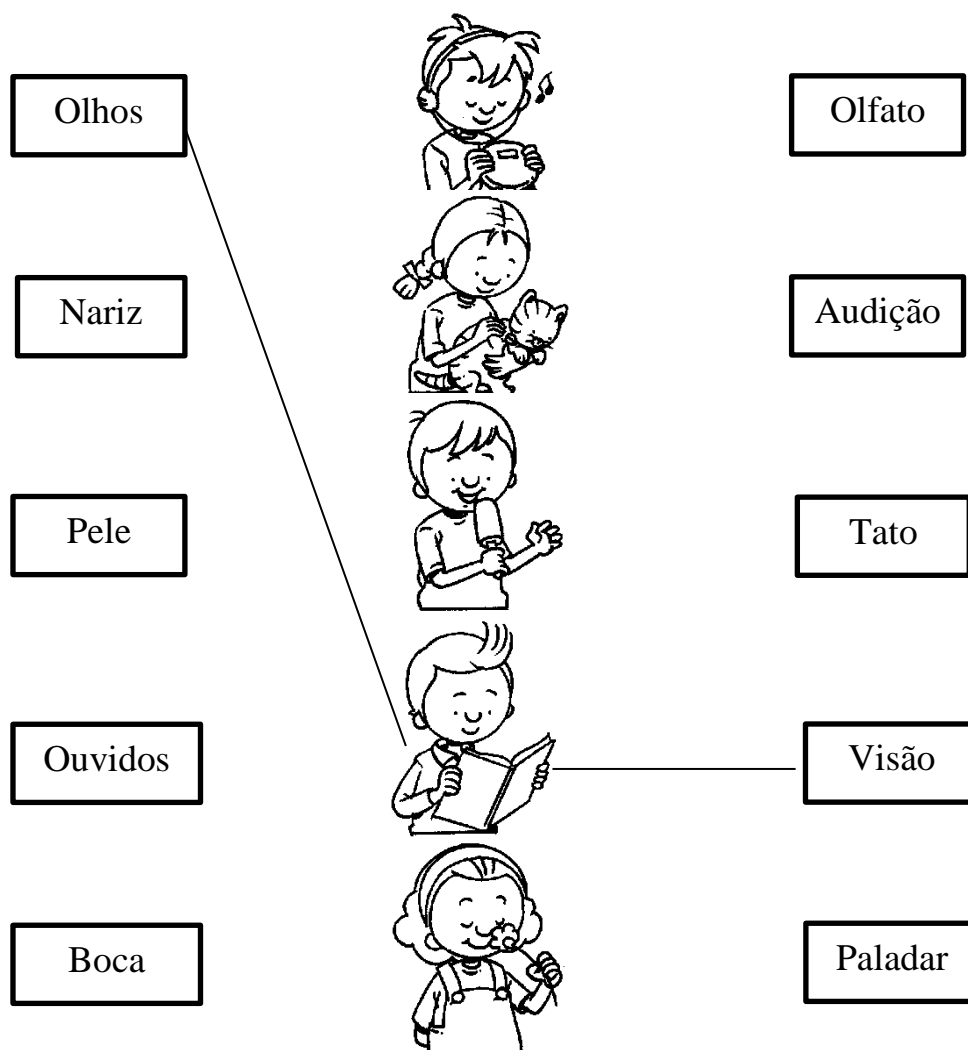
Apêndice 17 –Plano diário 1.º CEB

Plano Diário - 9 de dezembro de 2013					
				Recursos Materiais	Avaliação
Área Curricular		Tempo			
	<i>Português</i>	9:00	 Realização da rotina diária.  Finalização da ficha sobre o uso do dicionário.  Elaboração da carta para o pai natal.	 Folha de rotina  Quadro e giz  Mapa e bandeiras dos países  Folhas brancas  Lápis  Cartaz com letras  Tesoura e cola  Colunas e computador	 Observação direta  Verificação da realização dos pictogramas  Questionamento sobre alguns conceitos
	<i>Estudo do Meio</i>	11:00	 Viagem de avião até à Lapónia, de modo a descobrir outros países e as suas culturas.		
	<i>Matemática</i>	14:00	 Realização de um diagrama/pictograma sobre as pesquisas realizadas em casa sobre o que é o projeto.  Início do projeto da árvore de natal.		

Apêndice 17 – Fichas de trabalho

Estudo do Meio: 2º ano

1. Liga as palavras às imagens, como no exemplo



2. Completa o seguinte texto.

A primeira dentição do ser humano chama-se _____ de _____ e é constituída por _____ dentes. A segunda dentição é a _____, que tem _____ dentes.

3. Liga cada dente ao seu nome.



Molar

Incisivo

Canino

4. Indica três mudanças que o teu corpo tenha sofrido desde que nasceste.

5. Completa:

A imagem seguinte representa a _____ dos _____.

5.1. Das frases seguintes, sublinha as que são verdadeiras.

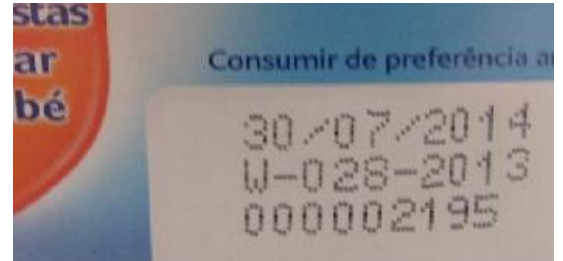


- As crianças devem comer fruta e legumes.

- Devemos beber sempre sumo com gás, em vez de água.

- Com a ajuda da roda dos alimentos, conseguimos fazer uma alimentação equilibrada.

6. As imagens seguintes são alguns rótulos, de alimentos que o João tem em casa.



6.1. Rodeia, a vermelho, os rótulos dos alimentos que estão fora da validade.

6.2. Será que o João pode consumir os alimentos que rodeaste? Porquê?

Estudo do Meio: 2º ano

1. Na folha A3 que te deram constrói o teu calendário e responde às questões.

1.1 O calendário que construístes tem um ano comum ou bissexto? Porquê?

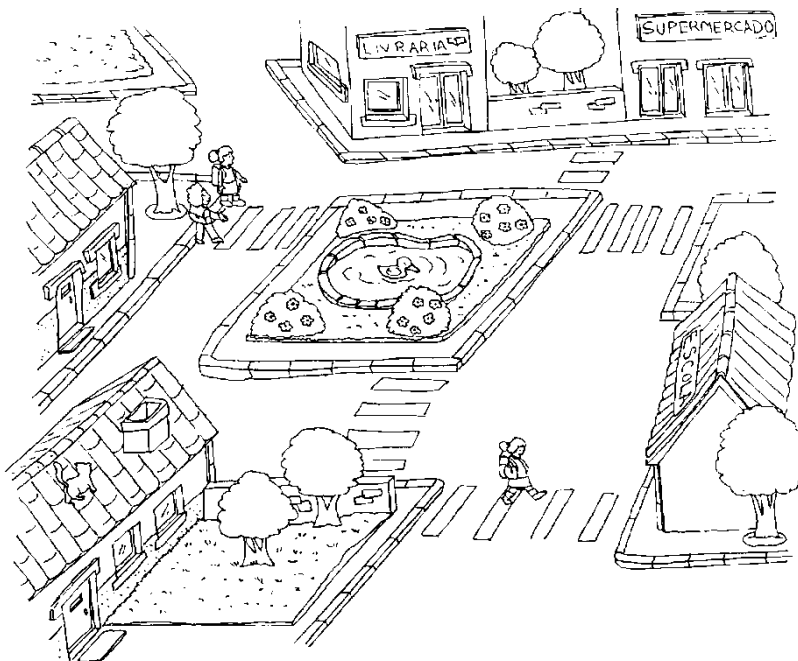
1.2 O último mês do ano é _____. Uma semana tem _____ dias.
Um ano tem _____ meses.

1.3 No teu calendário rodeia de vermelho os meses que têm 30 dias e de verde os meses que têm 31 dias.

2. No espaço abaixo constrói a tua árvore genealógica e responde às questões a seguir.

2.1 Os teus avós paternos são pais de quem? E os teus avós maternos são pais de quem?

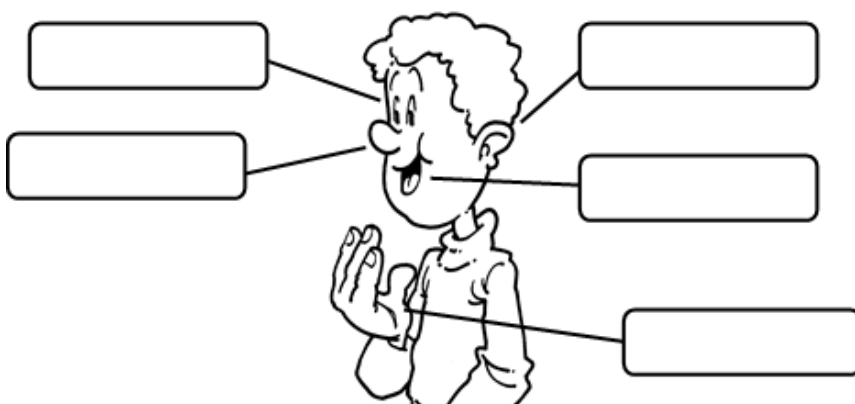
2.2 Os irmãos dos teus pais são teus _____.



3. Observa o itinerário.

- 3.1 Pinta de amarelo o caminho de casa para a escola.
- 3.2 Pinta de laranja o caminho de casa para a livraria.
- 3.3 Pinta de verde o caminho de casa para o supermercado.
- 3.4 Pinta de azul o caminho de casa para o jardim.

4. Relaciona cada parte do corpo ao respetivo sentido.



5. Escreve baixo da imagem o nome do sentido que está a ser usado.



Estudo do Meio: 3º ano

1. Observa a seguinte imagem.



Wei Ming



Abel



Anala

1.1 Lê as frases com muita atenção e completa-as.

A Wei Ming nasceu no Japão, por isso a sua nacionalidade é _____. O Abel nasceu em Angola. A sua nacionalidade é _____. A Anala nasceu na Índia por isso tem nacionalidade _____. Tu nasceste em Portugal, logo a tua nacionalidade é _____.

2. Liga cada palavra a uma imagem corretamente.

Vila



Aldeia



Cidade



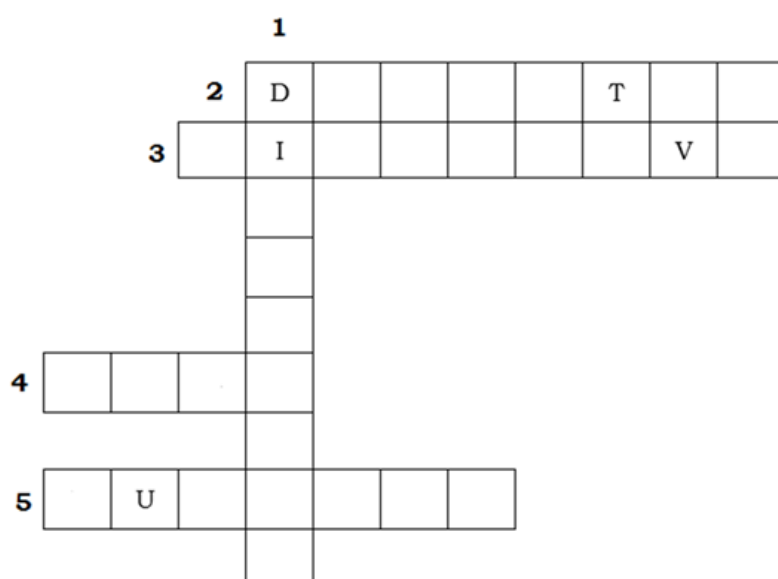
- 3. Observa os sistemas do ser humano que estão expostos no quadro e escreve quais são os órgãos dos seguintes sistemas.**

Sistema Respiratório

Sistema Digestivo

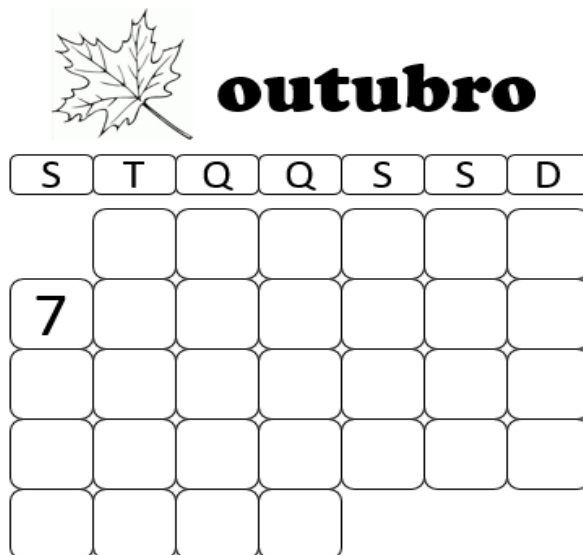
4. Preenche o crucigrama.

- 1) Conjunto de transformações que os alimentos sofrem até serem absorvidos
- 2) Músculo que contrai quando respiramos
- 3) O estômago faz parte de qual sistema?
- 4) Órgão onde se forma o bolo alimentar
- 5) Principal órgão do sistema respiratório



Estudo do Meio: 3º ano

1. Observa a imagem.



1.1 Completa o calendário.

1.2 Rodeia o dia em que estamos.

1.3 Quantos dias tem o mês de outubro?

1.4 Durante o mês de outubro estamos em que estação do ano?

2. Preenche a tua ficha de identificação, de acordo com o que te é pedido.

Nome:

Data de Nascimento:

A minha nacionalidade é _____

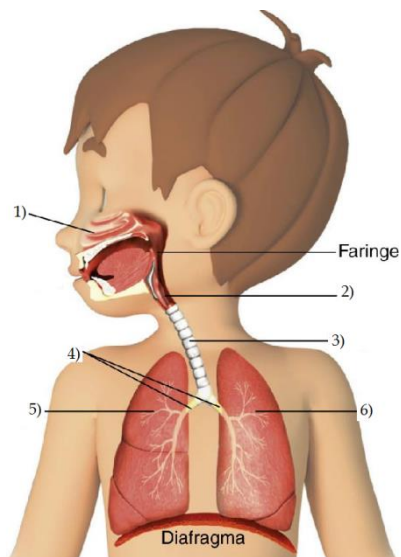
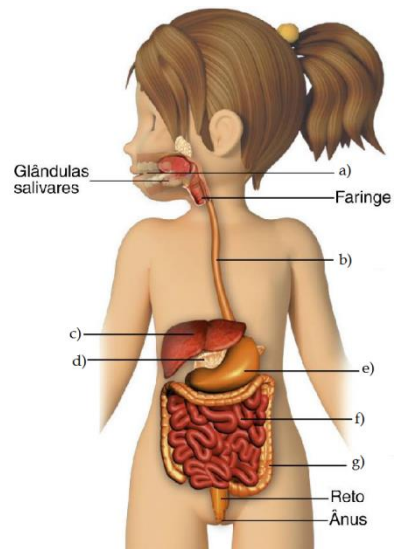
_____.

Moro na rua _____

_____ que pertence à freguesia de _____

3. Faz a legenda, escrevendo o nome dos órgãos do sistema digestivo e do sistema respiratório.

- a) _____
- b) _____
- c) _____
- d) _____
- e) _____
- f) _____
- g) _____



- 1) _____
- 2) _____
- 3) _____
- 4) _____
- 5) _____
- 6) _____

Matemática: 2º ano

1. Completa o seguinte diagrama de Carroll, tendo em conta os números de 1 a 20.

	Pares	Ímpares
Números menores ou iguais a 10		
Números maiores que 10		

1.1.Quantos são os números pares maiores que 10?

1.2.Quantos são os números ímpares menores ou iguais a 10?

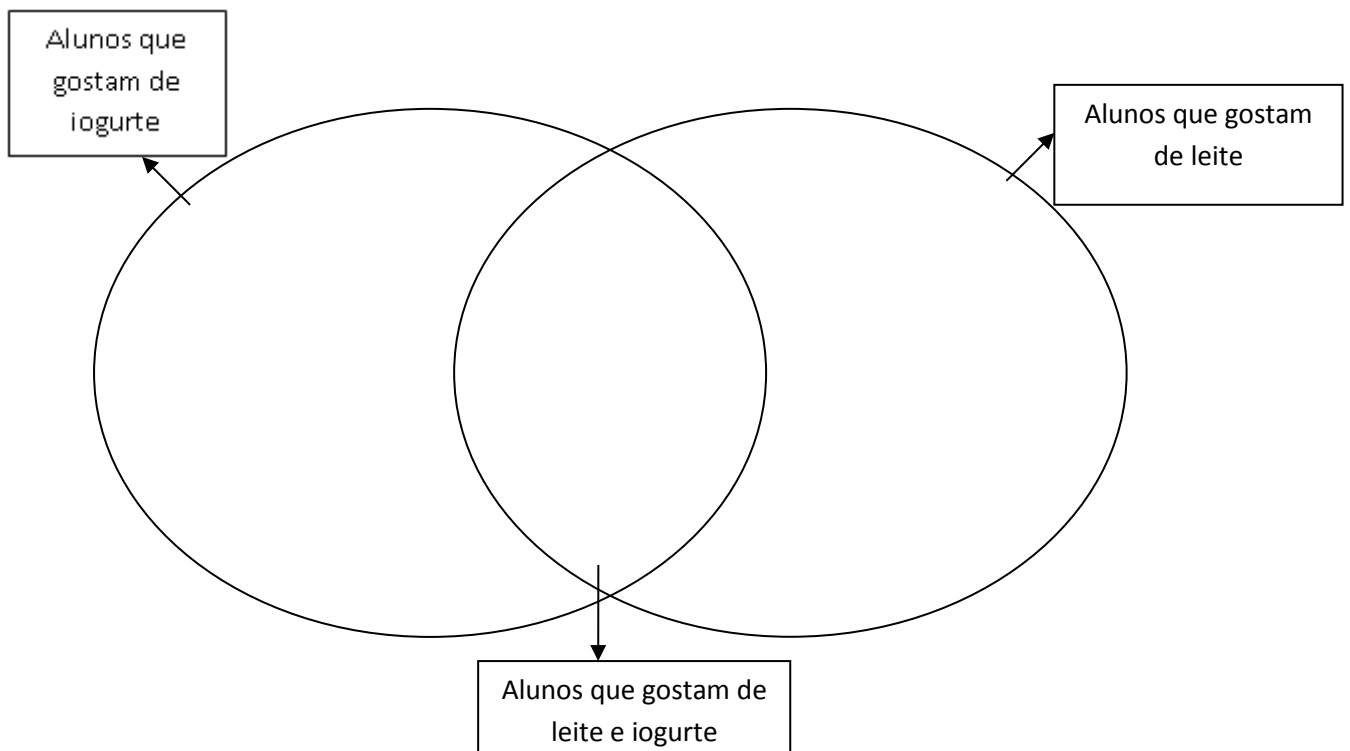
1.3.Quantos são os números pares nos números de 1 a 20? E os ímpares?

Matemática: 2º ano

1. A tabela seguinte indica-nos o que cada aluno da turma do 4º ano, da escola de São Martinho, gosta mais de comer ao pequeno-almoço.

	Carolina	Rita	Mário	Rui	Catarina	Samuel	Marta	Carlos
Leite		X	X	X		X	X	X
Iogurte	X	X		X	X	X		

- 1.1. Completa o Diagrama de Venn, escrevendo os nomes nos locais corretos.



1.1. Quantos alunos gostam apenas de iogurte?

1.2. Quantos alunos gostam apenas de leite?

1.2. Quantos alunos gostam de leite e iogurte?

2. A tabela seguinte indica-nos quais os alunos, da turma do 1º ano de Sintra, que nasceram em Portugal e quais os que têm irmãos?

	Rute	Joaquim	Pedro	Ana	Júlia	Marcelo	Cristina	Gabriel
Nasceram em Portugal	X		X	X	X		X	X
Têm irmãos	X	X	X	X		X	X	

1. O Manuel fez um inquérito à sua turma para saber quantos alunos têm animal de estimação.

	Rapazes	Raparigas
Tem animal de estimação	10	6
Não tem animal de estimação	5	7

3.1. Quantas são as raparigas que têm animal de estimação?

3.2. Quantos são os rapazes que não têm animal de estimação?

3.3. Quantos rapazes fazem parte desta turma?

Matemática: 3º ano

1. O João decidiu que durante esta semana vai correr à volta da sua casa. Contudo, para não correr sempre no mesmo sentido, decidiu planejar o trajeto que vai fazer em cada dia. Lê o que o João planeou e pinta:

- O trajeto de segunda feira a verde;
- O trajeto de terça feira a azul;
- O trajeto de quarta feira a vermelho;
- O trajeto de quinta feira a amarelo;
- O trajeto de sexta feira a laranja;

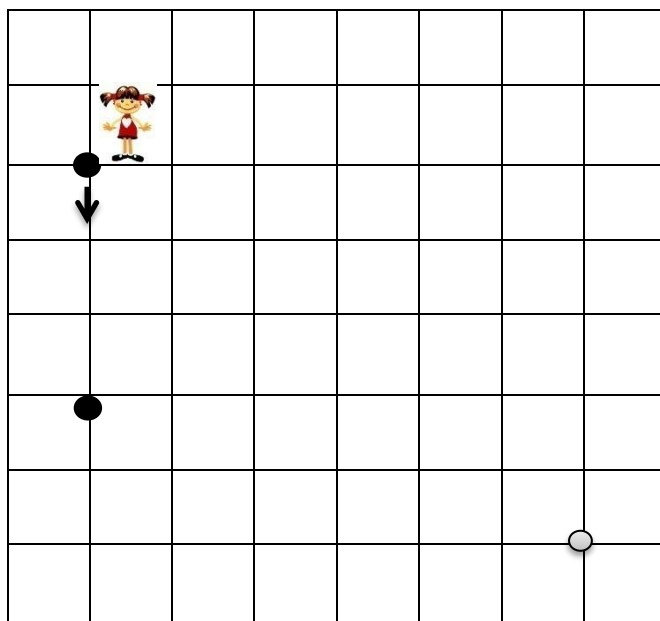


“Plano de corrida do João:

- Segunda feira $\frac{1}{4}$ de volta para a direita;
- Terça feira $\frac{1}{4}$ de volta para a esquerda;
- Quarta feira $\frac{1}{2}$ volta para a esquerda;
- Quarta feira $\frac{1}{2}$ volta para a direita;
- Sexta feira uma volta.”


2. Marca, no quadriculado, o percurso feito pela Catarina, de acordo com as orientações que te são dadas, de modo a conheceres o percurso que ela fez para ir até casa da sua amiga Rita.

A Catarina sai de casa e percorre:



Casa da Catarina

○ Casa da Rita

 100 metros de comprimento

- 100 metros em frente;
- $\frac{1}{4}$ de volta para a esquerda;
- 300 metros em frente;
- $\frac{1}{4}$ de volta para a direita;
- 400 metros em frente;
- $\frac{1}{4}$ de volta para a esquerda;
- 300 metros em frente.

3. O que são números múltiplos?

- 3.1. De 0 a 20, quais os números que são múltiplos de 2?

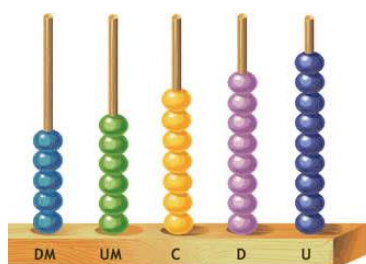
- 3.2. De 0 a 50, quais os números que são múltiplos de 5?

Matemática: 3º ano

1. Completa a sequência preenchendo a reta numérica.



2. Observa o ábaco. Regista o número representado.



R.: _____

- 2.1. Assinala com X a expressão que corresponde ao número representado no ábaco.

$5 \times 10\,000 + 7 \times 100 + 8 \times 10 + 9$

☐

$5 + 6 + 7 + 8 + 9$

☐

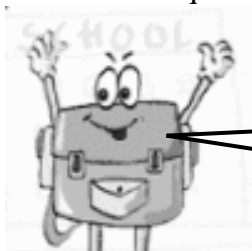
$5000 + 6000 + 700 + 89$

☐

$50\,000 + 6000 + 700 + 80 + 9$

☐

1. Adivinha qual é o número



Está entre 5950 e 6000.
O algarismo das dezenas é 7.
É ímpar.

R. _____

2. Escreve os números indicados pelas etiquetas

múltiplos de 2
maiores que 10
e menores que 30.

múltiplos de 3
maiores que 6
e menores que 36.

múltiplos de 5
maiores que 10
e menores que 60.

3. Calcula e completa.

X			
5	10		
6		24	
7			42

1. A família Silva tem seis pessoas. Completa a tabela, fazendo os cálculos necessários.

		Idade
Mãe Carolina	35 anos.	35
Avó Isilda	O quádruplo da idade da neta Mariana.	
Matilde	Tem menos 20 anos do que a mãe.	
Pedro	A terça parte da idade da irmã.	
Ricardo	O dobro da idade do Pedro.	
Pai Rodrigo	O quádruplo da idade do filho do meio.	

Faz aqui os teus cálculos.

Português: 2º ano

1. Lê o texto com atenção.

Matilde e Gonçalo na serra

A Matilde e o Gonçalo foram passar o Natal com a família à casa da serra. Quando chegaram já era noite e estava frio.

Na manhã seguinte, que alegria! Mal chegaram à janela viram a serra coberta de neve. Saíram os dois com gorros de lã enfiados até às orelhas e luvas iguais.

- Tive uma ideia! – disse a Matilde – Vamos fazer um boneco de neve.

O vento gelado, cada vez mais forte, começou a girar em remoinho.

- Se calhar vem aí uma tempestade.

Nesse momento começaram a cair flocos de neve muito pequeninos que logo se tornaram maiores.

Os primos tentaram encontrar o caminho de regresso, mas a neve formava verdadeiras cortinas e a certa altura sentiram-se envolvidos por camadas de neve.

A neve engrossou, engrossou, formou uma bola enorme com eles no meio, começou a rebolar pela serra abaixo.

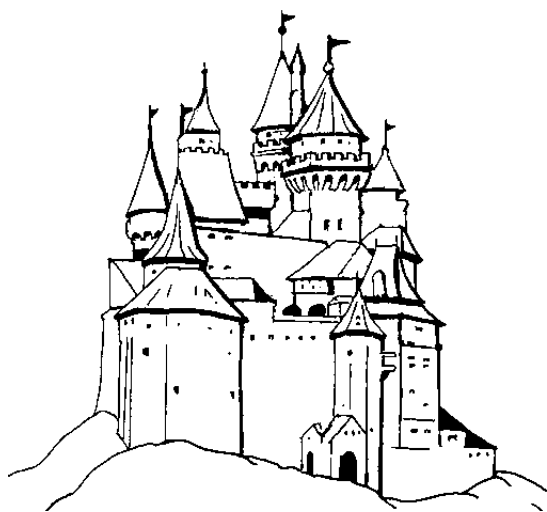
- Aiiiii! Socorro!

Rebolou, rebolou, rebolou e eles, meio tontos, aos berros.

Quando a bola finalmente parou, a Matilde e o Gonçalo sentiam-se tão zonzos de andarem à roda que ficaram um minuto de olhos fechados.

A bola de neve desfez-se, eles ficaram livres, puderam levantar-se. Doía-lhes o corpo, doía-lhes a cabeça, mas o que tinham diante dos olhos fê-los esquecer as dores:

- Um castelo!



Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada
Os primos e o Mago Envergonhado, Caminho

1.1. Qual o título do texto? E o autor?

1.2. Quando a Matilde e o Gonçalo chegaram à casa da serra como estava o tempo? Transcreve a frase do texto que justifica a tua resposta.

1.3. Que ideia teve a Matilde na manhã seguinte?

1. Escreve o antónimo das seguintes palavras:

começou _____ enorme _____ frio _____

forte _____ noite _____ muito _____

2. Escreve o plural ou singular das seguintes palavras:

natal _____ dores _____ castelo _____

remoinho _____ janela _____ manhã _____

3. Coloca o acento gráfico ou til nas palavras que deles necessitam.

manha coração sabado sede lapis

ate chines musica portugues moeda

Português: 3º ano

1. Lê o poema com atenção.

De volta à Terra

Sonhei que ia até Plutão
pilotando um foguetão.

Foi a viagem mais comprida
que eu tinha feito na vida!

Pelo espaço viajei,
de lá, a Terra avistei:
e era uma bola azulada
com uma parte acastanhada;
uma bola a rebolar
sempre e muito devagar.

Quando cheguei a Plutão,
nem parei para descansar,
só queria regressar
para abraçar a minha mãe
e os amigos também.

Finalmente, despertei
e pela janela espreitei:
o Sol brilhava no céu...
Aquele quarto era o meu,
ali estava o meu retrato,
o guarda-fatos, a bola...
Não havia foguetão
que me levasse a Plutão,
mas senti-me muito bem
quando ouvi a minha mãe
a chamar-me para a escola!



Maria Teresa Maia Gonzalez,
O planeta está em perigo. Por isso conta comigo,
1ª edição, Texto, 2011

1.1. Que tipo de texto leste? Justifica a tua resposta.

1.2. Qual foi o destino final da viagem?

1.3. O menino gostou da sua viagem a Plutão? Justifica a tua resposta retirando uma frase do texto.

2. Rodeia a sílaba tónica das seguintes palavras:

plutão	escola	acastanhada	sol
amigos	quarto	viagem	rebolar

3. Faz a divisão silábica das palavras apresentadas:

retrato _____	Terra _____	espaço _____

azulada _____	regressar _____	vida _____

4. Coloca no masculino ou no feminino as seguintes palavras:

mãe _____ acastanhada _____

ator _____ comprida _____

piloto _____ sonhador _____

1. Coloca as palavras no singular ou no plural.

foguetão _____ sol _____

guarda-fatos _____ mãe _____

viagem _____ amigos _____

2. Imagina que tens um foguetão e podias fazer a viagem dos teus sonhos.
(Onde irias? O que farias lá? Porque era esse o sítio escolhido por ti?).
Redige um texto que tenha no mínimo 8 linhas.

Português: 3º ano

1. Lê a receita com atenção.

Tortinha de banana

Ingredientes:

- 3 bananas amassadas
- 3 colheres de sopa de farinha de trigo
- 1 colher de café de canela
- 1 lata de leite condensado
- 3 ovos

Modo de preparação:

- 1º Passo: Colocar o leite condensado numa tigela, acrescentar os 3 ovos e misturar bem
- 2º Passo: Misturar à parte a farinha de trigo com a canela
- 3º Passo: Untar uma forma com margarina e açúcar
- 4º Passo: Espalhar a banana na forma
- 5º Passo: Acrescentar a farinha e a canela por cima da banana
- 6º Passo: Colocar a mistura do leite condensado com os ovos por cima
- 7º Passo: Cozer durante 25 a 30 minutos

1.1.Qual é a receita que nos é apresentada?

1.2.Quais são os ingredientes necessários para realizar a receita?

1.3. Qual é a quantidade de farinha de trigo necessária?

1.4. Qual é o terceiro passo na preparação da receita?

1.5. Quanto tempo deve a tortinha de banana cozer?

2. Retira da receita palavras que rimam com as apresentadas.

caravanas _____ palhinha _____ costurar

panela _____ mulher _____ farinha

3. Escreve as palavras por ordem alfabética.

ingredientes leite minutos forma colocar margarina
amassadas ovos

1. Faz a correspondência correta.

Como te chamas? • • Frase declarativa

A minha mãe cozinha bem. • • Frase exclamativa

É uma delícia esse bolo! • • Frase interrogativa

2. Rodeia a sílaba tónica e classifica as palavras quanto à acentuação:

espectáculo

café

trigo

receita

árvore
